



Publikationen des Deutschen Archäologischen Instituts

Joaquina Soares

Sistema Simbólico e Economia na Pré-História Recente do Sudoeste Ibérico: A Linguagem dos Artefactos Ideotécnicos

Madridener Mitteilungen Bd. 65 (2024) 10-46

<https://doi.org/10.34780/f834-k9dd>

Herausgebende Institution / Publisher:
Deutsches Archäologisches Institut

Copyright (Digital Edition) © 2024 Deutsches Archäologisches Institut

Deutsches Archäologisches Institut, Zentrale, Podbielskiallee 69–71, 14195 Berlin, Tel: +49 30 187711-0
Email: info@dainst.de | Web: <https://www.dainst.org>

Nutzungsbedingungen:

Mit dem Herunterladen erkennen Sie die [Nutzungsbedingungen](#) von iDAI.publications an. Sofern in dem Dokument nichts anderes ausdrücklich vermerkt ist, gelten folgende Nutzungsbedingungen: Die Nutzung der Inhalte ist ausschließlich privaten Nutzerinnen / Nutzern für den eigenen wissenschaftlichen und sonstigen privaten Gebrauch gestattet. Sämtliche Texte, Bilder und sonstige Inhalte in diesem Dokument unterliegen dem Schutz des Urheberrechts gemäß dem Urheberrechtsgesetz der Bundesrepublik Deutschland. Die Inhalte können von Ihnen nur dann genutzt und vervielfältigt werden, wenn Ihnen dies im Einzelfall durch den Rechteinhaber oder die Schrankenregelungen des Urheberrechts gestattet ist. Jede Art der Nutzung zu gewerblichen Zwecken ist untersagt. Zu den Möglichkeiten einer Lizenzierung von Nutzungsrechten wenden Sie sich bitte direkt an die verantwortlichen Herausgeber*innen der jeweiligen Publikationsorgane oder an die Online-Redaktion des Deutschen Archäologischen Instituts (info@dainst.de). Etwaige davon abweichende Lizenzbedingungen sind im Abbildungsnachweis vermerkt.

Terms of use:

By downloading you accept the [terms of use](#) of iDAI.publications. Unless otherwise stated in the document, the following terms of use are applicable: All materials including texts, articles, images and other content contained in this document are subject to the German copyright. The contents are for personal use only and may only be reproduced or made accessible to third parties if you have gained permission from the copyright owner. Any form of commercial use is expressly prohibited. When seeking the granting of licenses of use or permission to reproduce any kind of material please contact the responsible editors of the publica-

tions or contact the Deutsches Archäologisches Institut (info@dainst.de). Any deviating terms of use are indicated in the credits.



ABSTRACT

Symbolic System and Economy in the Late Prehistory of the Iberian Southwest

The Language of the Ideotechnic Artefacts

Joaquina Soares

This study deals with a diachronic approach to the symbolic and religious evidence from the first agricultural communities (6th millennium cal BC) to the societies of the Late Chalcolithic/Early Bronze Age (2nd half of the 3rd millennium cal BC) of Southwest Iberia. Revisiting material culture mainly from the south of Portugal from a socio-economic and long-term perspective allows the construction of a comprehensive interpretation of ideotechnic artefacts, symbols and art as a symbolic system dialectically articulated with the economic structure of the different social formations considered. Thus, our narrative moves between the first peasant communities and their path towards the consolidation of societies based on kinship relations, supported by megalithic ideology, and the dawn of the Early Bronze Age, when traditional society based on kinship gives way to an unstable chiefdom-oriented society, with centralized and personalized power in the last quarter of the 3rd millennium cal BC.

KEYWORDS

Late Prehistory, Southwest of the Iberian Peninsula, Symbolic System, Ideotechnic artefacts

Sistema Simbólico e Economia na Pré-História Recente do Sudoeste Ibérico

A Linguagem dos Artefactos Ideotécnicos

1 Sistema e Capital Simbólicos. Introdução

¹ Por sistema simbólico, entende-se o conjunto de mecanismos de expressão e comunicação inerentes à superestrutura ideológica própria de uma determinada formação económico-social, espelho desta e agente de transformação social. Aqui interessamos abordá-lo enquanto meio de criação e de reprodução de poder sociopolítico. O seu controlo ou a posse de bens de prestígio conferem poder, tal como a posse de gado ou de terra. O ciclo da economia do simbólico, difícil de apreciar pelo carácter imaterial de alguns dos seus componentes e pelo conceito de tempo mítico ou memorial que lhe anda associado, dotado de ritmos de circulação imprevisíveis, comporta, claramente, uma fase de criação de valor. É acumulado quer nos lugares sacralizados/memorializados, quer na informação esotérica. A taxa de proveito do indivíduo ou da elite que controla o sistema depende do valor total da força de trabalho apropriada, quer na fase da manufactura, quer na fase extractiva das matérias-primas, mas ultrapassa estes parâmetros. A conotação das produções simbólicas com o sagrado e o esotérico e a colagem que com elas faz a elite política criam uma perversão que legitima (através de diversificadas roupagens), por um lado, a noção de tempo mítico ou memorial e a naturalização da história, e, por outro, a extorsão de trabalho quase, ou mesmo completamente, gratuito. O poder simbólico é, pois, convertível em poder político, o qual é susceptível de se transformar em poder económico. Estas diferentes formas de poder e as suas respectivas materializações têm de ser vistas de modo dinâmico; nesse processo podem ocorrer metamorfoses mais ou menos complexas, mais ou menos legíveis. O capital simbólico e o económico constituem as duas faces da moeda que franqueia o acesso ao poder político.

² Nas formações sociais do Neolítico Final e Calcolítico de matriz comunitária, a competição inter-linhageira por prestígio social derivaria da capacidade de investimento de excedentes ao serviço da coesão social, sendo que a superior capacidade de uma determinada linhagem é aqui entendida como o resultado da sua proximidade ao antepassado mítico do grupo. Progressivamente, os tributos devidos a essa entidade mítica, mais ou menos divinizada, passariam a ser recolhidos pelo

Período	Estrutura social	Modalidade de apropriação de excedentes	Investimento dos excedentes
Neolítico final. Último quartel do 4º milénio cal BC	Sociedade segmentária. Relações de produção de base familiar. Povoamento disperso. Autoridade partilhada por diferentes <i>loci</i> .	Mecanismos assentes na ritualização dos cultos dos antepassados e da fertilidade, controlados pelas linhagens de maior prestígio (poder tendencialmente teocrático).	Estruturas colectivas de carácter funerário e cerimonial: Megalitismo funerário e menírico. Manifestações públicas, visando a coesão intra-grupal.
Calcolítico 1ª metade do 3º milénio cal BC	Comunidades fortemente territorializadas, organizadas em sistemas produtivos locais – segmentos de organização tribal complexa. Sociedades heterárquicas. Poder tendencialmente teocrático herdado do Neolítico final, mas agora mais “urbano”. Povoamento concentrado. Ambiente social instável por conflitualidade inter-grupal.	Pressão psico-social e coercitiva. Normas de solidariedade residencial e de redistribuição. Regulação social por estatuto ou hierarquia de tipo horizontal: linhageira, religiosa, etno-sociológica.	Estruturas de carácter residencial e defensivo (fortificações). Linhas de defesa fronteiriça dos territórios tribais. Investimento no espectáculo fúnebre e na “festa”. Culto solar, denominador comum pan-ibérico expresso nos idoliformes portáteis (artefactos ideotécnicos).
Calcolítico Tardio/ Bronze antigo 2ª metade do 3º milénio cal BC	Desconstrução da organização comunitária e tribal ancestral. Crise demográfica (?). Dispersão do povoamento. Autoridade de tipo chefatura incipiente, meritocrata, integrada em redes de elites. Incremento da divisão social do trabalho (grupos corporativos): tecelagem e metalurgia.	Apropriação particular dos excedentes ao serviço de projectos personalizados. Coerção e propaganda. Ideologia heróica. Personalização do poder. Chefes sábios e guerreiros. Alimentação do poder através de economias do simbólico: circulação de bens de prestígio, como peças de vestuário, marfim, cobre (armas) e ouro (adornos); retórica patrimonialista.	Investimento nas fileiras produtivas da tecelagem e da metalurgia e nas redes de troca de bens de prestígio (artefactos sociotécnicos). Investimento no espectáculo fúnebre de ritual individual e no “banquete” ao serviço da manutenção e expansão das facções de apoiantes das lideranças em presença.

1

Fig. 1: Modalidades de apropriação e de investimento de excedentes em sociedades do final do 4º e do 3º milénios cal BC. Adaptado de Soares 2003.

chefe da linhagem que com ela se identificava. No Calcolítico Tardio e Bronze Antigo, a apropriação do poder já não dependeria tanto da redistribuição do sobreproduto económico através da organização de eventos comunitários, mas sobretudo da glorificação da superior qualidade das lideranças/chefaturas e correlativa ascensão na hierarquia social, através da exibição de atributos de riqueza (bens de prestígio) e de armas (Fig. 1).

3 Embora o nosso enfoque seja o processo de calcolitização, faremos uma breve revisitação a algumas das manifestações superestruturais das primeiras comunidades neolíticas, que suportam os fundamentos do modo de produção doméstico¹ e que começam a desenhar o sistema simbólico das antigas sociedades camponesas. Acompanharemos, em traços largos, a sua evolução, até ao momento do seu colapso, no Bronze Antigo².

4 Tendo embora presente o registo empírico numa perspectiva holística, no centro do nosso inquérito encontram-se principalmente os idoliformes³ portáteis, manifestações iconográficas em santuários rupestres, em arquitecturas funerárias, em estruturas de carácter mágico-religioso (menires e cromeleques) e em produções oleiras.

1 Meillassoux 1978; Tavares da Silva 1997; Soares 2020.

2 Soares – Tavares da Silva 1998; Tavares da Silva – Soares 2006; Soares 2021.

3 A sua interpretação, mau grado o risco de improbabilidade, poderá adquirir verosimilhança se os mesmos forem integrados na respectiva formação social enquanto actores de comunicação e de negociação (Binford 1962; Hodder 1982; Appadurai 1986; Tilley 1989; Layton 1991; Gell 1998), mas também enquanto objectos produzidos, transacionados, e consumidos, ao serviço de determinados sistemas económicos (Soares 2003; Garrido-Pena 2006; García Sanjuán 2006; Soares 2013a; Bueno Ramirez et al. 2016; Soares 2016; Risch 2018).

2 Do mito fundador (?) das sociedades agro-pastoris do Sul de Portugal ao culto dos antepassados na formação social linhageira e megalítica do Neolítico final

2.1 Os primeiros vestígios dos cultos menírico e fálico

5 A emergência do culto menírico ou das pedras erguidas, desprovidas embora do gigantismo que atingirão no Neolítico Final, surge pela primeira vez materializado no Sudoeste ibérico em contexto do Neolítico Antigo, no povoado de Vale Pincel I (Sines), costa sudoeste portuguesa: Trata-se de um grande bloco sub-rolado, de gabro/diorito, de forma cónica alongada com 30 cm de diâmetro na base e 60 cm de altura (Fig. 2), tombado directamente sobre uma lareira (Estr. 44, S. XVI, Qs. F–G/3), datada sobre amostra de carvão (Beta-168465) de 6490 ± 40 BP, 5487–5379 cal BC a 1σ e 5527–5368 cal BC a 2σ .

6 Ao Neolítico Antigo evolucionado/inícios do Neolítico Médio foram atribuídas as primeiras fases dos cromeleques de Almendres (Évora) e Xarez (Monsaraz) constituídos por pequenos blocos brutos e/ou toscamente afeiçãoados, associados a materiais tipologicamente datantes⁵. Mário Varela Gomes⁶ refere também a associação de um pequeno monólito esteliforme à C. 3, do Neolítico Antigo Evolucionado, do extenso povoado litoral da Caramujeira (Lagoa). Do povoado do Neolítico Médio inicial de Pipas (Reguengos de Monsaraz) proveio uma pequena peça cerâmica coroplástica (Fig. 3) que se enquadra aparentemente no mesmo culto fálico dos inícios do megalitismo⁷. O melhor paralelo para esta peça, também em terracota, foi encontrado na C. 2A de Vale Pincel I (Sector 27, Q. C4), atribuível ao Neolítico Antigo evolucionado/Neolítico Médio inicial.

2.2 Iconografia dos menires do Sudoeste algarvio e provável mito de fundação

7 No megalitismo menírico algarvio, onde um dos temas mais comuns e recorrentes da arte esquemática neolítica – linhas e feixes de linhas onduladas/quebradas – possui particular visibilidade e protagonismo, é possível ler uma provável narrativa do mito das origens ou fundador do sistema ideológico dos alvores do megalitismo, tendo embora presente o carácter ambíguo e mutante dos símbolos⁸.

8 Esculpido em monólito de grés de Silves, com 2,46 m de altura, o Menir 2 de Pontais, que integrou um alinhamento menírico⁹ (Fig. 4 a), possui forma fálica, acentuada por cordão relevado que destaca a glândula e apresenta na face principal, imediatamente abaixo da cabeça do menir, composição iconográfica onde se pode ler uma cena de procriação entre duas serpentes. Os dois corpos ondulantes e idênticos emergem da terra e unidos em perfeito paralelismo, seguram sobre as cabeças, enroladas em espiral, o ovo da criação. Mitograma similar encontra-se patente nos menires do Monte de Roma em Silves¹⁰ e provavelmente nas representações truncadas dos menires de Odiáxere

4 A data não se refere directamente ao menir, embora este tenha tombado directamente sobre a lareira datada, restando na sua superfície ligeiras marcas do contacto com calor e cinzas. Porém, o menir encontrava-se integrado em um estrato arqueológico (C. 2D) cujo arco cronológico, estabelecido a partir de 11 determinações, não terá ultrapassado no seu limite mais recente os 5.300 anos BC em datas calibradas (Soares 2015; Tavares da Silva – Soares 2015; Soares et al. 2016).

5 Gomes 2000.

6 Gomes 1997a.

7 Tavares da Silva – Soares 2023, Fig. 29.

8 Ver a propósito da leitura dos signos e símbolos de sociedades sem escrita, Anati – Fradkin 2016; Hodder 1982.

9 Gomes 2010a.

10 Veiga 1891, lám. 26a. Tal como no Menir 2 de Pontais, o padrão iconográfico destes menires fálicos algarvios possui uma expressão gráfica relativamente naturalista de duas serpentes que partilham um ovo, o que permite a sua interpretação como cena de reprodução. Com efeito, na arte esquemática megalítica



Fig. 2: Vale Pincel I (Sines). Monólito com a respectiva estrutura de contenção (reerguido no decurso da escavação), em contexto do Neolítico antigo.

2

(Lagos) e de Abrutiais (Silves), ou na Beira Alta, pintado em um esteio do dólmen de Antelas, Viseu¹¹ (Fig. 4 b), datado do Neolítico médio através de amostra de pigmento negro utilizado na pintura: OxA – 5433, 4655±60 BP, 3634–3337 cal BC, 2σ¹².

são frequentes os serpentiformes, não sendo no entanto possível, face à mutabilidade dos símbolos, a sua inequívoca interpretação como ofídios. Pelo contrário, a interpretação como cena de procriação entre serpentes do padrão decorativo naturalista de tipo Pontais 2 possui em nosso entender elevada probabilidade.

11 Albuquerque e Castro et al. 1957.

12 Foram também obtidas três datações sobre amostras de carvão do corredor intra-tumular, que aparentemente poderão estar envelhecidas pelo efeito de madeira antiga: OxA-5496, 5330±60 BP, 4328–3998

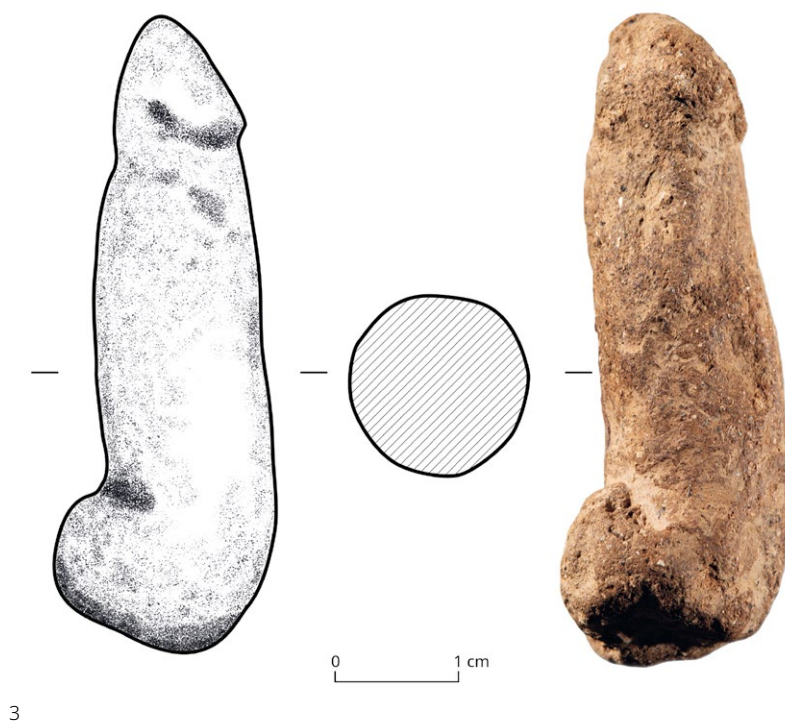


Fig. 3: Peça em cerâmica de forma fálica do povoado do Neolítico médio inicial de Pipas, Reguengos de Monsaraz (Sondagem IV, C.2a).

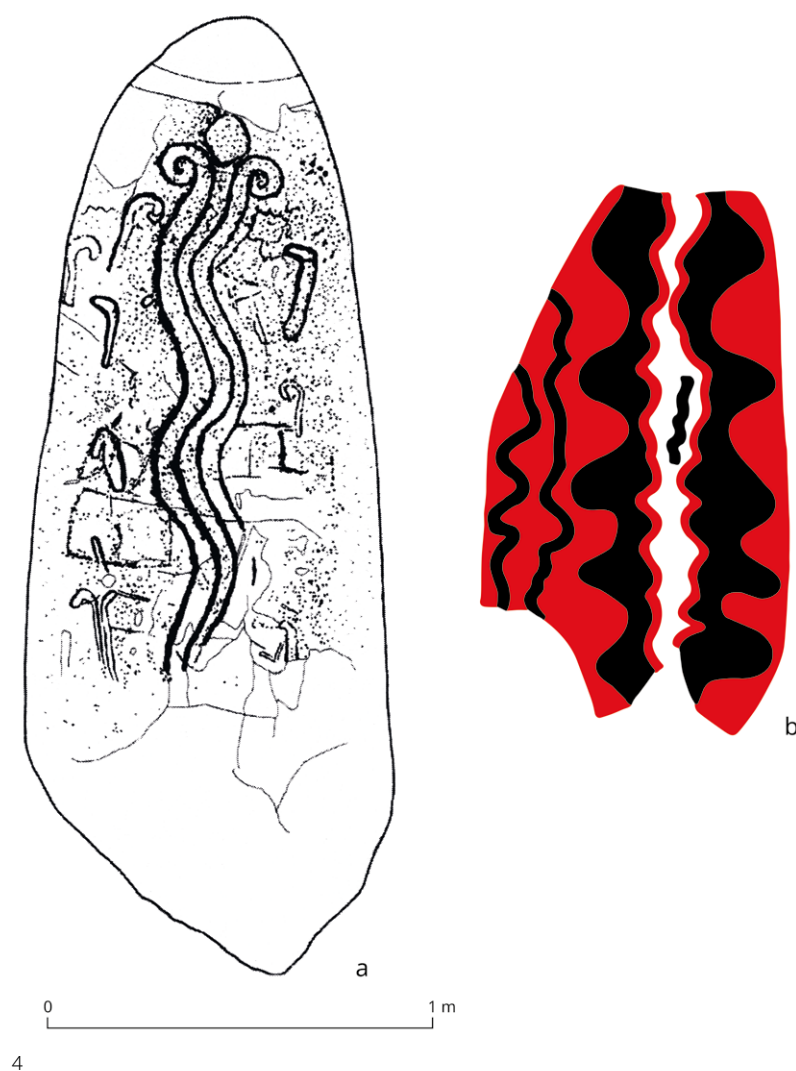


Fig. 4: Expressões iconográficas de provável mito fundador das sociedades agro-pastoris neolíticas do Sudoeste ibérico. Menir 2 de Pontais (Silves): a. A composição inicial mostra a união de dois serpentiformes, cujas cabeças espiraladas suportam o «ovo da criação». A composição central é ladeada por báculos atribuíveis a uma segunda fase de gravação. – b. Composição pintada em um esteio do dólmen de corredor de Antelas (Viseu), constituída por feixes de linhas onduladas organizados verticalmente, com a definição de dois serpentiformes unidos por um canal onde emerge uma figura embrionária e indefinida.

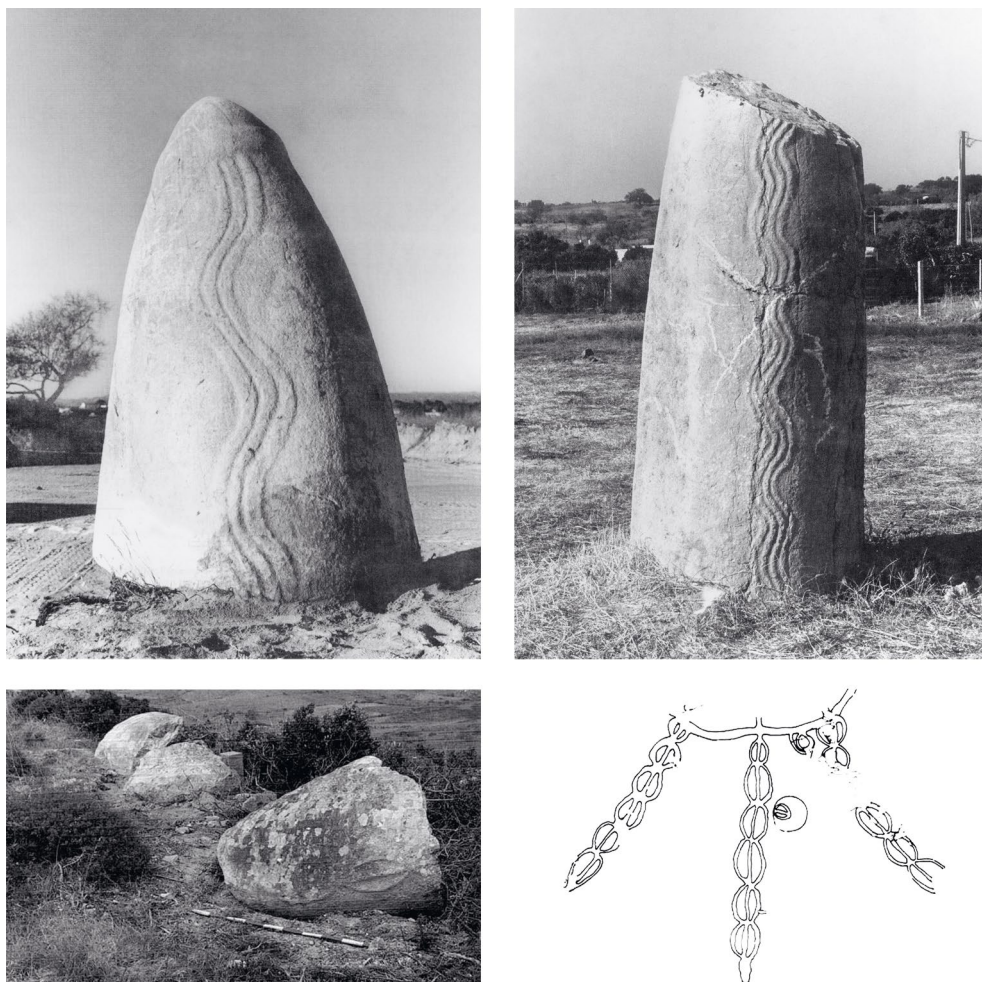


Fig. 5 Padrões iconográficos dos menires do Algarve ocidental e central, constituídos por feixes de linhas ondulantes ou de cadeias de elipses que partem da glande fálica em direcção à terra.

5

9 Outras composições iconográficas, que reorganizam basicamente os elementos presentes no Menir 2 de Pontais, podem ser observadas em menires do Ocidente Algarvio (Caramujeira-Lagoa, Figueiral-Lagos, Vale da Lama-Silves, Figueira 8 e Senhora da Graça no concelho de Vila do Bispo). Estes menires insculturados, construídos regra geral em calcário e mais raramente em grés de Silves, de forma cónica e/ou sub-cilíndrica (Fig. 5), apresentam cordão delimitador da glande fálica, de onde divergem, longitudinalmente em direcção à terra (princípio feminino), alinhamentos de cordões ondulantes ou cadeias de elipses (princípio masculino)¹³, cujo plano decorativo é radial, tal como no ídolo-pinha do dólmen estremeno de Casainhos (Lisboa), onde três serpentes irradiam do vértice do idoliforme portátil¹⁴. As linhas ondulantes ou serpentiformes são um dos temas mais recorrentes da arte esquemática neolítica, cujos significados podem ser diversos e mutantes, cronológica e regionalmente.

10 As arquitecturas megalíticas mantiveram, até à sub-contemporaneidade, capacidade de comunicação reflectida no imaginário popular, não sendo de surpreender que esses monumentos tenham sido reintegrados na retórica patrimonial das sucessivas formações sociais pré-históricas. Com efeito, o discurso ideológico da formação social tribal do Neolítico final parece ter sido actualizado em numerosos menires do Neolítico Médio,

cal BC, 2σ; OxA-5497, 5295±60 BP, 4315–3981 cal BC, 2σ; OxA-5498, 5070±65 BP, 3979–3708 cal BC, 2σ (Cruz 1995a; Cruz 1995b).

13 Gomes 1997a.

14 Cardoso et al. 2001–2002.

como no Menir 2 de Pontais, através da gravação de báculos¹⁵, símbolos de poder, na periferia da composição inicial. Este poder terreno, assentaria nos cultos da fertilidade e dos antepassados¹⁶. As relações de parentesco seriam, pois, estruturantes e a hierarquia social, de tipo horizontal. Neste modo de produção linhageiro e megalítico, a extracção de mais-valias da força de trabalho e a desigualdade de estatuto seriam encapsuladas em solidariedades parentais de raiz comunalista, sob a protecção dos antepassados míticos do agregado social. Os cultos da fertilidade e dos antepassados que terão constituído o *locus* de um poder político, por hipótese, tendencialmente teocrático, encontra eloquente expressão nas estelas-menir antropomórficas dos cromeleques alto-alentejanos de Portela de Mogos e Almendres¹⁷ (Fig. 6 a. b) e nos esteios de grandes monumentos megalíticos, como Granja de Toniñuelo, Badajoz¹⁸. Esse poder, quicá mais psicossocial que coercitivo, teria no báculo o símbolo mais genérico e abrangente: simples ou agrupado, surge inscrito na paisagem construída¹⁹, ou sob a forma de objectos sociotécnicos portáteis em contextos funerários do Neolítico Final e transição para o Calcolítico²⁰.

11 Pequenas figuras em terracota, antropomórficas, de tipo Comporta, de manufactura pouco cuidada e fabrico local, possuem face com representação de nariz proeminente, «olhos de mocho» (que não se confundem com os olhos solares calcolíticos), e tatuagens faciais, podendo corresponder a uma versão doméstica/privada do conceito de antepassado mítico, expresso em estelas-menir dos espaços públicos atrás referidos. O ídolo do Possanco (Fig. 6 c) pode ser datado no intervalo de 3346 a 2850 cal BC, ou seja, último terço do 4º milénio e primeiro quartel do 3º milénio²¹. Embora raros, estes idoliformes foram também registados no povoado de S. Caetano, na periferia da cidade de Évora e no sítio do Vidigal (Montemor-o-Novo), com ocupações do Neolítico final²², tal como em Ponte de Azambuja 2, Portel²³, Chorrillo Bajo, Lorca-Murcia²⁴, Alcolea, Córdoba²⁵.

3 Idoliformes e revolução dos produtos secundários da criação de gado (RPS). Ídolos de cornos e ídolos-placa

3.1 Santuário rupestre do Escoural e corniformes, expressões de culto do touro

12 A crise de sub-produção do Neolítico Médio face ao fraco desenvolvimento das forças produtivas, em dinâmica de crescimento demográfico proporcionado pela primeira revolução neolítica, seria superada pela RPS, a partir do último quartel do 4º milénio cal BC. A RPS constitui um marco decisivo na via da sustentabilidade das primeiras sociedades camponesas. A vertente mais inovadora desta revolução económica

15 Cassen 2012; Soares 2013a, 59–67.

16 Godelier 1982; Wolf 1982; Tavares da Silva 1997; Bueno Ramirez 2002; Bueno Ramirez 2010; Soares 2013a, Quadro 93; Bueno Ramirez et al. 2016.

17 Gomes 1997b; Gomes 2010a.

18 Bueno Ramirez – Balbín Behrmann 1997.

19 Além das gravações em menires e cromeleques, refira-se a notável representação dinâmica e radial de báculos no painel de arte rupestre do Tejo (S. Simão, Nisa) (Gomes 2010b).

20 Cf. Cardoso 2021, sobre a distribuição dos báculos de xisto gravados. Ao contrário das placas de xisto, são exclusivos dos grandes monumentos funerários, dos momentos finais do Neolítico (Soares – Tavares da Silva 2010b), com eventual prolongamento pelo início do Calcolítico. A esta cronologia foi atribuído o requintado exemplar de marfim de Perdigões, proveniente do sepulcro 1 (Cardoso 2021, Fig. 9). in eventual prolongamento pelos indos grandes monumentos funerarios.

21 Soares – Tavares da Silva 2013.

22 Gomes 1997b, fig. 11.

23 Rodrigues 2008, 53 lám.

24 Ayala Juan et al. 1995, 47 lám. VII.

25 Martínez Sánchez – García Benavente 2009, fig. 2.

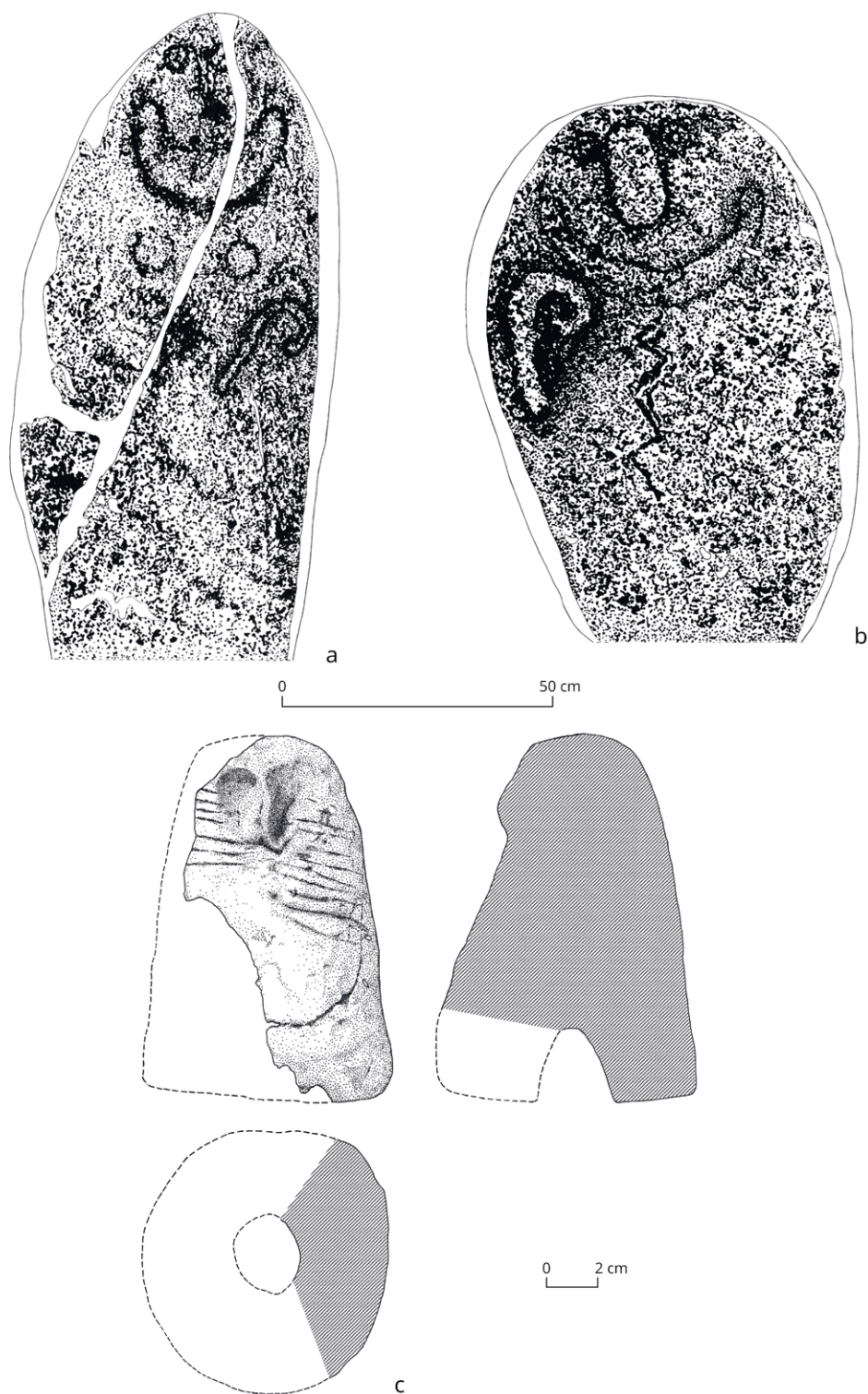


Fig. 6: Representações atribuíveis ao culto dos antepassados do Neolítico final, transição para o Calcolítico. Estelas-menir dos cromeleques de Portela de Mogos (menir 2) (a), e dos Almendres (menir 76), Évora (b). O báculo surge frequentemente representado nas materializações alto-alentejanas de culto dos antepassados. – c. Idolo do Possanco, Comporta. Estatueta antropomórfica em terracota, com nariz proeminente, olhos de mocho e tatuagens faciais. Na base possui uma cavidade de função indeterminada.

6

e social, aplicação da força de tracção do gado bovino à agricultura através de arado e do carro, transformou o touro na principal fonte energética do processo produtivo, permitindo a substituição do factor de produção terra (extensividade) por tecnologia (intensividade). Com efeito, estavam criadas as condições para a exploração agrícola dos solos de maior fertilidade, até então inacessíveis por ineficiência tecnológica e energética. O volume da produção e a produtividade sofreram aumentos exponenciais.

13 A utilização do *Bos taurus* na tracção do carro e arado manifesta-se na deformação dos metatarsos, como observado, por exemplo, no sítio do Mercador, na bacia do

médio Guadiana²⁶ e tem a sua mais expressiva representação no santuário rupestre exterior do Escoural²⁷ onde, entre numerosos bucrâneos, foi possível encontrar uma composição de conexão entre bucrâneo e representação de carro de caixa quadrada, rodas maciças e sistema de atrelagem triangular (Fig. 7 a) e uma outra onde o bucrâneo se associa a arado e provável campo de cultivo (Fig. 7 b). Este santuário terá ficado obsoleto por volta de 2800 cal BC, quando foi parcialmente destruído por extracção de pedra e sobreposto por fortificação calcolítica.

14 Em espaços domésticos, contextos do último terço do 4º milénio e primeiro quartel do 3º milénio cal BC, surgem os designados ídolos de cornos (singulares ou duplos), também referidos como ›morillos‹ em Espanha²⁸, modelados mais ou menos toscamente. De facto, estes artefactos deverão ter funcionado como suportes de lareira, tal como Afonso do Paço observou em Vila Nova de S. Pedro²⁹, nomeando-os justamente por ›pés de fogareiro‹. Na Estremadura portuguesa foram datados precocemente em Olelas, 4400±45BP – ICEN-879³⁰. A signatária viria também a associar corniformes singulares a bateria de lareiras na Ponta da Passadeira (Fig. 8. 9), sítio de exploração de sal estuarino por via ígnea, da margem sul do estuário do Tejo³¹. Foram aí datados no arco temporal calibrado de 3296 a 2727 cal BC, 2σ³². O registo etnoarqueológico mostra-nos que em sociedades sem escrita, de quotidiano muito ritualizado, o profano e o sagrado não são necessariamente antagónicos. Podemos, pois, admitir que os referidos artefactos, de uso comum e doméstico, possuíam também uma valência simbólica, conotada com o culto do touro. A dispersão geográfica dos corniformes é relativamente vasta, não necessariamente numerosa (Estremadura portuguesa, Meseta, Sul de Portugal, Andaluzia e Sudeste). Raros exemplares ostentam signos isolados de significado desconhecido, como no sítio de Ponta da Passadeira (Fig. 9), ou »tatuagens faciais« como em Vila Nova de S. Pedro (Fig. 10). Além das valências já atribuídas, não é improvável que os exemplares dotados de perfuração transversal, a qual permitia a sua suspensão, tenham sido utilizados como pesos de tear (Fig. 10), função proposta para objectos similares da Pré-história búlbara³³.

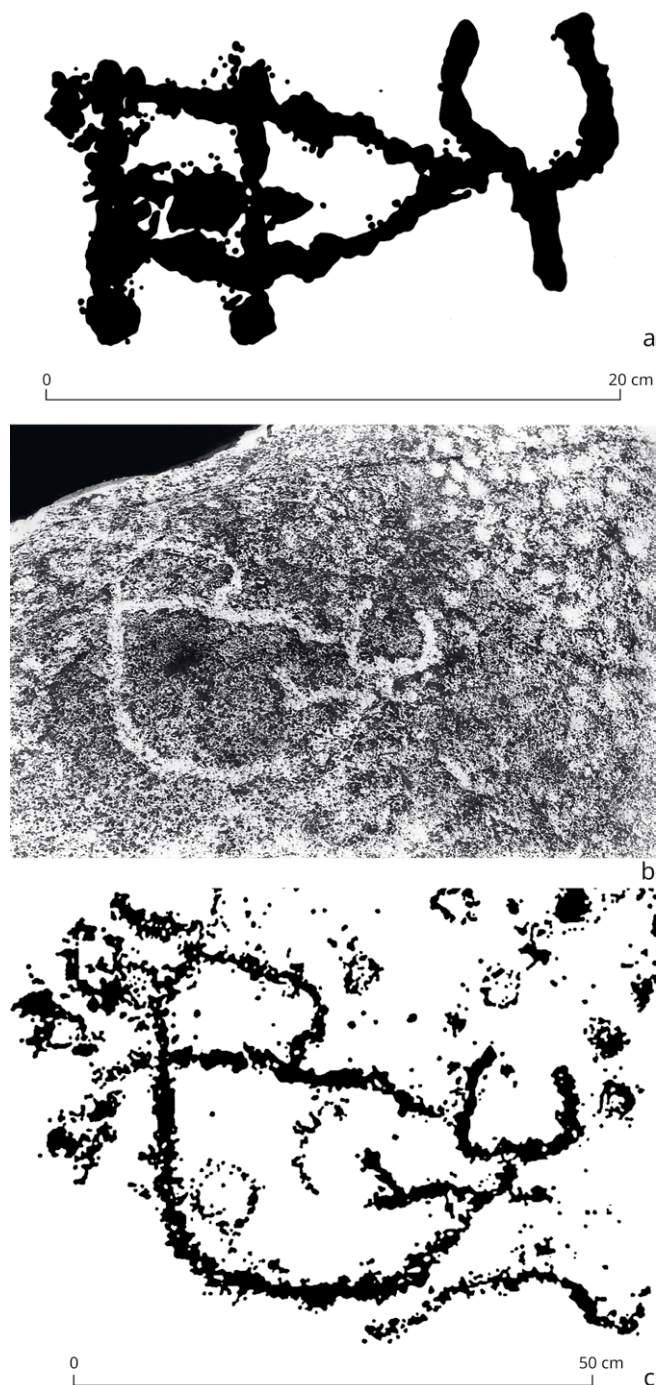


Fig. 7: a. Santuário exterior do Escoural. Gravuras de carro e bucrâneo. – b. Santuário exterior do Escoural. Representação de arado, bucrâneo e provável campo de cultivo.

26 Moreno-García 2013.

27 Gomes et al. 1983; Gomes et al. 1994.

28 López Plaza 1975.

29 Paço – Arthur 1952.

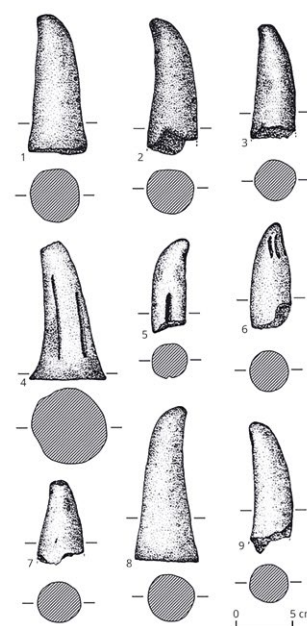
30 Gonçalves 1993.

31 Soares 2000; Soares 2001; Soares 2008; Soares 2013b.

32 Soares 2013b, Quadro I.

33 Petrova 2015, 205 fig. 13, 9. 10.

Fig. 8: Ponta da Passadeira (Barreiro). Sector 60, C. 4. Aspecto de entulheira rica em corniformes, associada à laboração de bateria de lareiras em fossa, destinadas à produção de sal estuarino.



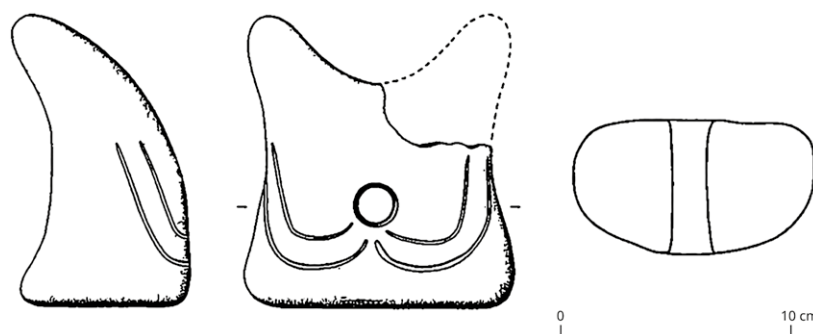
8

Fig. 9: Ponta da Passadeira (Barreiro). Corniformes singulares, utilizados como suportes de lareira; alguns foram decorados por traços incisos e outros, por alinhamentos de impressões circulares.



9

Fig. 10: Vila Nova de S. Pedro. Corniforme duplo com perfuração transversal e decoração incisa (tatuagens faciais).



10

3.2 De costa a costa. Ídolos-placa gravados e ídolos almerienses

¹⁵ O ídolo-placa gravado, de carácter funerário, está presente nos diversos tipos de sepultura colectiva, contextos regra geral transformados em ossários no fim do seu ciclo de utilização, facto que explica ter sido apenas possível, em dois casos, recuperar o micro-contexto de deposição do ídolo-placa, ou seja, o tórax dos inumados: enterramento do «feiticeiro» da Cova das Lapas, em Alcobaça e indivíduo tumulado na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz³⁴. As condições de jazida referidas permitem igualmente compreender a dificuldade na sua datação. Rui Boaventura³⁵, a partir de um conjunto de oito determinações radiocarbónicas para a Estremadura portuguesa e de 12 datações para o Alentejo, obteve através de modelação com estatística bayesiana, para a primeira sub-região, o intervalo cronológico de 3130/2900–2860/2670, e para a segunda, 3020/2880–2880/2630, com 2σ de probabilidade. Porém, a placa de xisto gravada, ou mais raramente de serpentinito, tem ritmos de vida localmente diferenciados; sofre simplificações no ciclo de desvalorização, como, por exemplo, na placa «inacabada» do *thólos* de S. Bartolomeu da Serra, em Santiago do Cacém³⁶, ou reutilizações enquanto objecto decorativo, a partir de meros fragmentos, como se verifica em um pendente da necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo, apenas com 7 cm × 3 cm³⁷.

¹⁶ A distribuição peninsular deste ídolo portátil, aliada à conexão com o ídolo almeriense, também designado por cruciforme, ou plano, realiza uma das primeiras, se não mesmo a primeira integração cultural do Sul ibérico, de costa a costa, ou seja, atlântico-mediterrânea (Fig. 14). A dispersão do ídolo-placa gravado, a partir do Alto Alentejo, abrange a generalidade do Sudoeste ibérico³⁸. Com um segundo pico nas Penínsulas de Setúbal e Lisboa, rarefaz-se no Sudeste, apenas com 16 registos, oito placas lisas e oito decoradas, em Almeria³⁹. O ídolo almeriense, além da forma portátil em mármore, alabastro, xisto, esteatite ou osso, possui, ao contrário do ídolo-placa, uma boa representação em painéis de arte rupestre, isolado e estático ou em agrupamentos dinâmicos (dança?). Refram-se os abrigos rupestres de Las Viñas e Moriscas II, em Badajoz e Los Órganos, em Jaén⁴⁰ e os esboços de bitriangulares na estação de arte rupestre de S. Simão, no Tejo⁴¹. Quantitativamente muito aquém do ídolo-placa gravado, possui a sua melhor representação, na forma portátil, em Almeria, ultrapassando ligeiramente a meia centena e decrescendo para ocidente. Em Portugal, os seus mais significativos contextos, datados do Neolítico Final, são o complexo de Perdigões (Reguengos de Monsaraz) com seis exemplares (Fosso 12 e Hipogeu 1)⁴² e a Lapa do Bugio, localizada sobre a arribo atlântica da Serra da Azóia em Sesimbra (Fig. 11), onde além de um ídolo almeriense em tábua óssea, surgiu um outro gravado em pendente de xisto, uma representação múltipla, em banda, camuflada no vestido de ídolo-placa gravado com olhos solares,⁴³ versão provavelmente dos alvores do Calcolítico (Fig. 12), e ainda quiçá o mais notável documento deste sincretismo religioso: placa de xisto gravada, com moldura aberta no anverso, onde foi inscrita, a buril fino, uma das versões mais naturalistas do ídolo almeriense, com braços, dedos e esboço de cabeleira (Fig. 13). Este objecto

³⁴ Gonçalves 2003; Gonçalves 2021.

³⁵ Boaventura 2011.

³⁶ Soares 2014.

³⁷ Soares 2003, fig. 118.

³⁸ De referir a base de dados ESPRIT com 1.300 registos de placas de xisto gravadas, provenientes de 250 sítios (Lillios 2004; Lillios 2008) e o catálogo «Placa Nostra», com 2.000 itens (Gonçalves 2004), valor que poderá duplicar segundo o seu autor.

³⁹ Bueno Ramirez 2020.

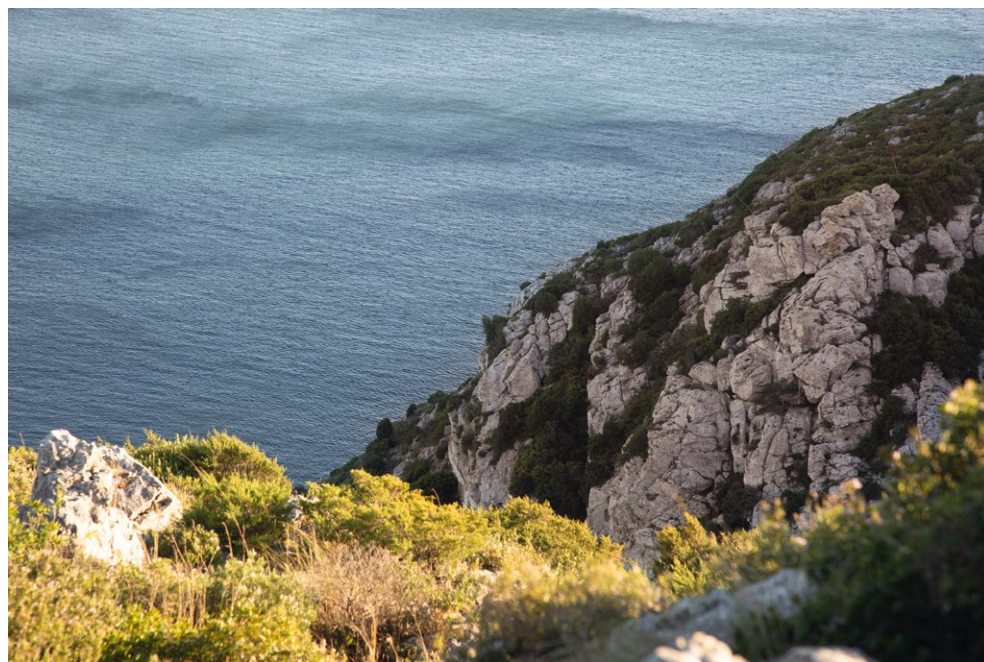
⁴⁰ Martínez Perelló 1995; Martínez García 2002.

⁴¹ Gomes 2010b.

⁴² Valera 2018.

⁴³ Cardoso 1992, lám. 46 n.º 5–8.

Fig. 11: A entrada da Lapa do Bugio, na costa meridional da Arrábida, abre-se directamente sobre o oceano. Arribas abruptas conferem à paisagem solidão e dramatismo.



11

opera um entrosamento perfeito entre os dois tipos de idoliformes aparentemente mais significativos do Neolítico Final do sul peninsular. Em raras placas de xisto gravadas alentejanas têm sido encontradas possíveis representações do ídolo almeriense integrado nas respectivas composições geométricas: exemplar oculado de Mértola (Beja); placa aparentemente ›reciclada‹, proveniente de Anta 2 da Mitra, Évora; placa da Anta dos Galvões, Alandroal, onde Victor dos Santos Gonçalves contou 67 ídolos planos alinhados em bandas no padrão geométrico que preenche o corpo da placa alentejana; de referir ainda o esquisso da placa de Campo Maior, realizado por José Leite de Vasconcelos, com bandas de ídolos almerienses⁴⁴. Este sincretismo mágico-religioso encontra-se também presente na província de Huelva, em uma placa de xisto gravada, com olhos solares e quatro representações bem individualizadas do ídolo almeriense (bitriangular), proveniente da Cueva de la Mora, Jabugo⁴⁵.

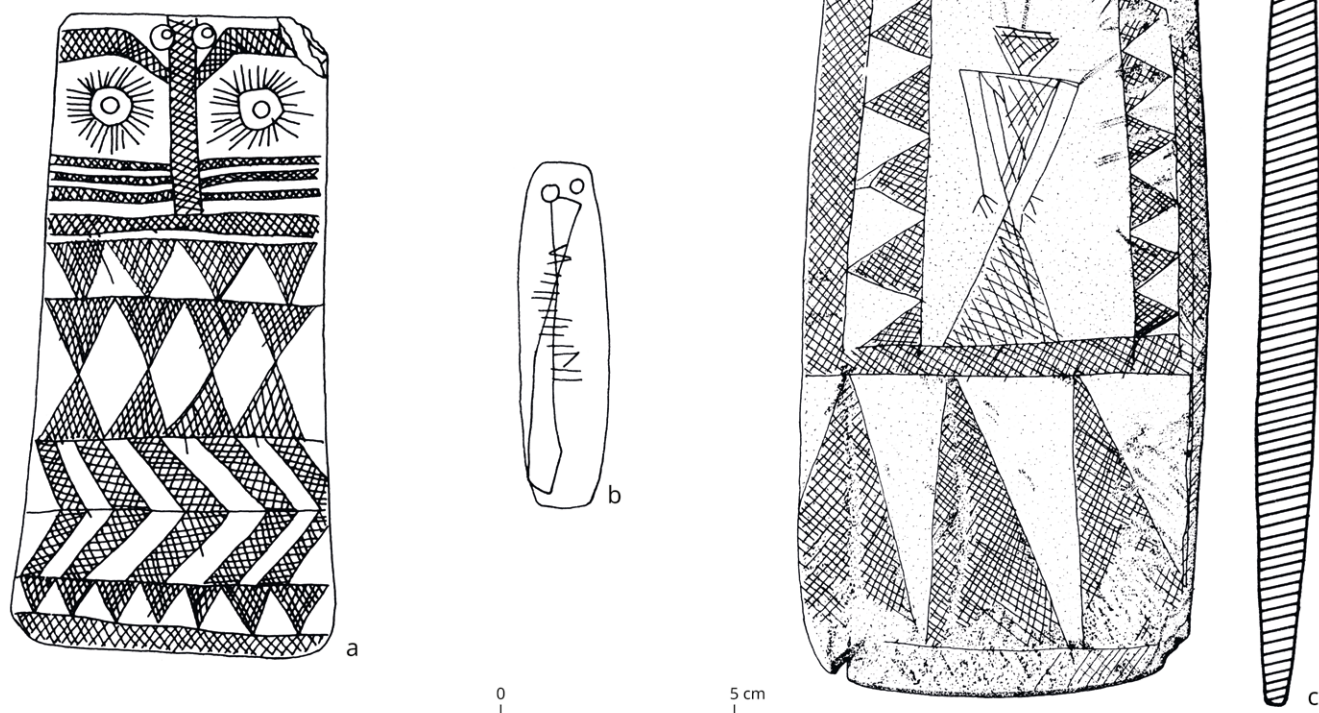
¹⁷ Esta primeira compressão espacio-temporal atlântico-mediterrânea do sul da Península Ibérica (Fig. 14), patente no entrosamento dos ídolos-placa gravados e almerienses, ocorre durante um período de grande desenvolvimento social, iniciado no último quartel do 4º milénio em resultado da revolução dos produtos secundários da criação de gado (RPS), como antes referido, geradora de aumentos exponenciais no volume da produção e na produtividade⁴⁶, os quais criaram condições para o incremento da divisão intra-social do trabalho, libertando mão de obra das actividades agro-pecuárias para as produções artesanais, nomeadamente têxteis e paleometalúrgicas. A metalurgia do cobre e ouro, incipiente na primeira metade do 3º milénio, irá desenvolver-se e generalizar-se a partir de meados/3º quartel do 3º milénio, substituindo instrumentos líticos tradicionais, intensificando a divisão social do trabalho e activando as redes de intercâmbio de longa distância relacionadas com mecanismos de emulação e de competição pelo poder.⁴⁷

⁴⁴ Gonçalves 2021, fig. 4.

⁴⁵ Carbonell Trillo-Figueroa 1925.

⁴⁶ Sherratt 1983–1984; Soares 2003; Soares 2013a; Soares 2016.

⁴⁷ Ver Schuhmacher et al. 2009; Schuhmacher – Banerjee 2012; Schuhmacher 2017.



12

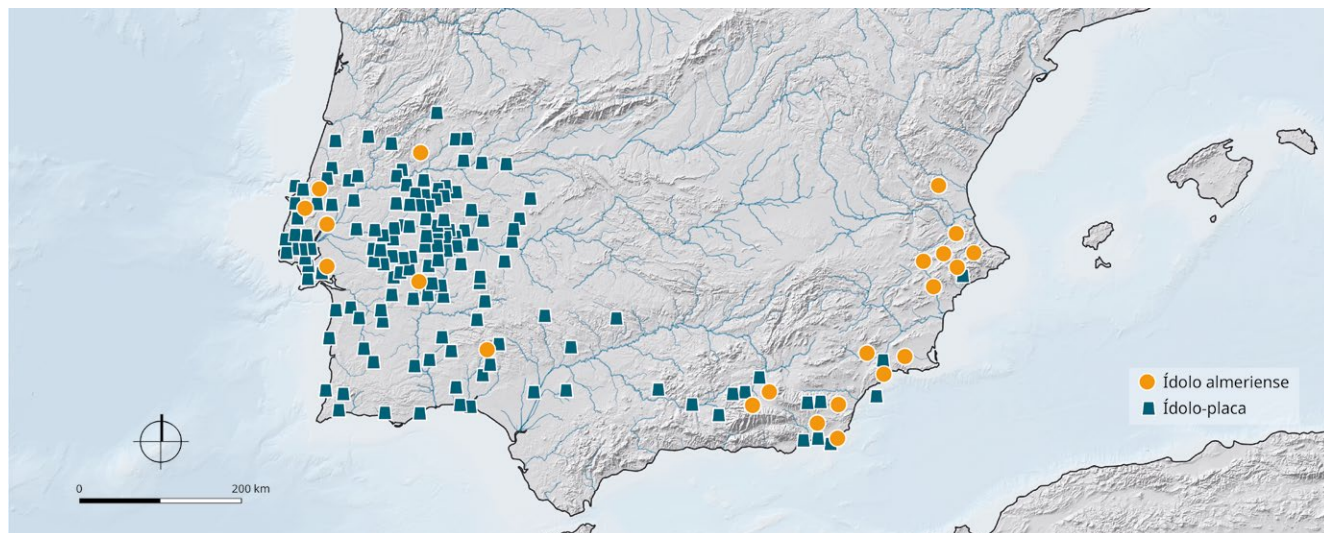


13

Fig. 12: Lapa do Bugio, Sesimbra. Ídolos-placa gravados, com integração de ídolos almerienses: a. Ídolo-placa de xisto gravado, com friso de ídolos almerienses camuflados no padrão decorativo. – b. Pendente de xisto com esboço de ídolo almeriense. – c. Ídolo almeriense explícita e detalhadamente representado na região torácica do ídolo-placa gravado.

Fig. 13: Lapa do Bugio, Sesimbra. Placa de xisto gravada, com ídolo almeriense inscrito em moldura nos 2/3 superiores do peça.

23



14

Fig. 14: De costa a costa. Primeira compressão atlântico-mediterrânea do sul da Península Ibérica nos finais do 4º milénio cal BC, expressa pela distribuição de ídolos-placa e almerienses. O corredor de interacção surge menos fluído na bacia do Guadalquivir, provavelmente em resultado dos fortíssimos ›spread effects‹ de Valencina de la Concepción.

3.3 Ídolos-placa e tecelagem. O contexto de Porto das Carretas (bacia do médio Guadiana)

18 A intensificação produtiva ocorrida no Neolítico Final permitiu aumentar consideravelmente os índices de sociabilidade e de sedentarização. O Alentejo ›polvilha-se‹ de recintos rodeados por fossos⁴⁸ de demarcação e simultaneamente reservatórios de água, guardando em silos, no seu interior, os excedentes de uma economia agro-silvo-pastoril integrada e bem sucedida, mas também contentores funerários colectivos indicadores de centralidade obtida pela via dos mortos com transcendência para a promoção da coesão social. Um desses recintos de fossos mais escavados no Sul de Portugal, Perdígões, cuja área foi estimada em cerca de 16 ha, já teria no Neolítico Final a sua maior extensão⁴⁹. Os excedentes propiciados pela RPS, no quadro de dinâmicas de crescimento demográfico e intensificação dos índices de agregação social com a emergência de macro-aldeias com centenas e dezenas de hectares, como Valencina de La Concepción, La Pijotilla, Porto Torrão, San Blas, Perdígões e Alcalar, no Sudoeste ibérico, permitem a especialização artesanal em alguns sectores de actividade, como antes referimos. Os produtos têxteis podem assim ter suportado redes de interacção e trocas, enquanto bens utilitários⁵⁰, com capacidade para ›financiar‹ a dispendiosa organização social de tipo tribal complexa que propomos para o Calcolítico desta região⁵¹, traduzidas, nomeadamente, na troca de bens de luxo e ostentação, no quadro de economias do simbólico⁵², mecanismo de apropriação do poder político, sobretudo a partir do terceiro quartel do 3º milénio. O papel detido pelos artesãos especializados na sustentabilidade económica da organização tribal complexa do 3º milénio no Sudoeste peninsular deve ser valorizado na dupla dimensão de produção de bens com valor de uso e de intercâmbio, adequados ao conceito de ›staple finance‹, operacionalizado para sociedades complexas precoces por Elizabeth M. Brumfiel e Timothy K. Earle⁵³ e na dimensão de ›wealth finance‹⁵⁴. A intensificação das redes de troca de bens de prestígio ao serviço da competição das elites pelo poder mais precocemente visível nos centros

48 Márquez Romero – Jiménez Jáimez 2010; Márquez Romero – Jiménez Jáimez 2013; Valera 2019.

49 Valera 2018, 32.

50 D'Altroy – Earle 1985.

51 Soares 2013a; Soares 2016; Soares 2021.

52 Soares 2003.

53 Brumfiel – Earle 1987.

54 Guyer – Belinga 1995.

de topo da complexa mas segmentária organização social do Sudoeste ibérico, como Valencina de la Concepción, ter-se-á generalizado na segunda metade do 3º milénio, ao serviço de chefaturas supostamente instáveis, que também designámos por lideranças »omniscientes«⁵⁵, leia-se meritocratas, do »Horizonte Campaniforme«⁵⁶. No Porto das Carretas, e, em geral, no Calcolítico do Sudoeste, não temos dificuldade em eleger a produção têxtil como uma das actividades económicas estruturantes do modo de produção calcolítico. A tecelagem terá contribuído, ao lado da metalurgia, para o avolumar das contradições de uma organização social tendencialmente autárquica, bloqueadora do pleno desenvolvimento das forças produtivas.

19 A importância económica da tecelagem pode ler-se nos numerosos elementos de tear cerâmicos (tear de placas e tear vertical de crescentes) que surgem nos povoados do Neolítico Final-Calcolítico. Durante o Calcolítico, a produção têxtil é objecto de elevado nível de qualificação, no sul ibérico, como tem vindo a ser documentado pela análise de restos de linho em Porto Mourão e Belle France⁵⁷, nas sepulturas 11 e 38 de Los Millares⁵⁸ ou nos enterramentos da Sierra de Tercia⁵⁹. O tafetá de linho da necrópole de Belle France em Monchique, datado de meados/3º quartel do 3º milénio (TO-4770: 3950±60 BP), merece ser destacado pela elevada qualidade do tecido e pela pintura com corante vermelho, obtido de *Rubia tinctorum* L. Os luxuosos adereços que acompanhavam as inumações de provável comunidade religiosa feminina no tholos de Montelírio (Valencina de la Concepción), da primeira metade do 3º milénio cal BC⁶⁰ e finalmente, as requintadas vestes representadas nas placas de xisto gravadas, expressão identitária do Sudoeste peninsular, evidenciam o importante papel da produção têxtil na criação de valor e de complexidade social. O ídolo-placa, considerado representação da deusa-mãe neolítica por Gonçalves⁶¹, dos antepassados míticos e de identidades regionais por Primitiva Bueno Ramírez⁶² ou ainda registo genealógico para Katina Lillios⁶³, não se esgota nessas dimensões, podendo também, face à mutabilidade e multiplicidade de sentidos que os símbolos assumem, materializar a veneração/culto de divindade protectora da tecelagem. Parece ser essa uma possível decifração da linguagem gráfica que veste o corpo feminino do ídolo-placa, anteriormente nu e primorosamente insculturado em placas de fino grés, do Grupo megalítico de Alter do Chão – Cáceres (cf. exemplares de Anta da Horta e do dólmen de Garrovillas⁶⁴).

20 Mau grado o anacronismo, observe-se o lugar ocupado pelo tear na épica grega enquanto instrumento de afirmação e controlo da mulher sobre a sua envolvente social bem como, superlativamente, o poder das Parcas (Cloto, a fiandeira, Láquesis, a que sorteia e Átropos a que tece e corta o fio de vida dos humanos)⁶⁵. Esta realidade, remontável à cultura mediterrânea da Idade do Bronze, acrescenta verosimilhança à

55 Soares 2013a, 69.

56 Soares – Tavares da Silva 2010a; Soares 2017.

57 Soares et al. 2018.

58 Alfaro Giner 1984, 121.

59 Ayala Juan 1987.

60 Na manufactura dos têxteis adornados com cerca de um milhão de contas perfuradas sobre concha, e inclusão de contas de calcário, marfim e âmbar, usadas nas vestes e adereços de uma provável comunidade de sacerdotisas na grande câmara do tholos de Montelírio, terão sido consumidas, no mínimo, c. 200.000 horas, o que corresponde ao trabalho de 208 pessoas/dia, ao longo de 6 meses (Díaz-Guardamino Uribe et al. 2016).

61 Gonçalves 2004.

62 Bueno Ramirez 2020.

63 Lillios 2008. Refira-se a crítica ao modelo interpretativo apresentado por Katina Lillios em García Rivero – O'Brian 2014.

64 Para a Anta da Horta foram obtidas duas datações que apoiam a ideia de alguma anterioridade das placas de grés insculturadas e desnudas relativamente às placas de xisto gravadas: Beta-194313, 4480±40 BP, 3332–3214 cal BC, 1σ e Beta-194312, 4270±50 BP, 2928–2866 cal BC, 1σ (Oliveira 2006).

65 Lourenço 2003.



Fig. 15: Porto das Carretas (Mourão). Fase I. Crescentes e ídolo-placa gravado do Sector 36, Qs. I8 e K8, C.4B. Zona Funcional I, especializada na tecelagem.

15

hipótese de atribuição ao ídolo-placa gravado, saído da RPS, a representação de uma ancestral divindade feminina tecedeira do destino dos humanos.

21 Na Fase I de Porto das Carretas, da primeira metade do 3º milénio cal BC, surgiram 548 pesos de tear de cerâmica, em forma de crescentes. Constatámos, através da análise funcional do sítio que a tecelagem seria praticada em espaço doméstico, associada a actividades de manutenção como por exemplo a culinária, à excepção da Zona I (Sector XXXVI, Qs. I-J-K/8, C.4B) onde a tecelagem se encontrava espacialmente dissociada das restantes actividades domésticas. Neste contexto de deposição, que continha 20 pesos de tear, surgiu o único ídolo-placa⁶⁶ registado no sítio, em suposta associação com os restos de um tear vertical (Fig. 15), na fase de fundação do povoado, por volta de 2900/2800 cal BC.

4 Fortificações e sistemas produtivos locais. O culto solar calcolítico

22 Durante o pleno Calcolítico (2900/2800 cal BC a 2500/2450 cal BC), a organização social tribal herdada do Neolítico Final complexifica-se⁶⁷, integrando na sua base sistemas produtivos locais que não só garantiam a respectiva sustentabilidade, como

⁶⁶ Ídolo-placa manufacturado sobre xisto ardoso, de contorno trapezoidal, tipo Clássico IIB (Soares – Tavares da Silva 2010b), decorado por característico padrão têxtil, gravado a buril (Soares 2013a, 269–273. 329).

⁶⁷ Soares 2013a, quadros 93. 94.

contribuiriam, quiçá por tradição e pressão ideológica, para a cúpula redistributiva do todo social, conforme modelo proposto para o sistema produtivo local do Triângulo da Luz-Mourão, enquadrado no mais amplo território de La Pijotilla⁶⁸. Os territórios tribais são agora mais rigidamente delimitados que no Neolítico Final, em consonância com as necessidades impostas pelo crescimento demográfico. No registo arqueológico surge, pela primeira vez, evidência de sistemas defensivos de fronteira que aliam a acidentes naturais, nomeadamente de tipo hidrográfico, arquitecturas tipicamente militares, como por exemplo o Porto das Carretas, debruçado sobre a margem esquerda do Guadiana, na periferia ocidental do território de La Pijotilla⁶⁹, ou o Monte da Tumba, na margem esquerda de afluente do Xarrama, na bacia do médio Sado⁷⁰, vigiando juntamente com o sítio de Castelos do Torrão⁷¹ a fronteira NW do território da macro-aldeia de Porto Torrão, cuja área tem sido estimada entre 75 e 100 ha. Se a suposta paz social era garantida internamente por relações familiares e linhageiras, as relações inter-grupais adquiriam então, na generalidade do território ibérico, inequívoca dimensão conflitual⁷².

23 Os artefactos ideotécnicos registam um notável acréscimo na primeira metade do 3º milénio e decrescem, também abruptamente, no último quartel do mesmo milénio. Tomando como exemplo uma amostra de 196 idoliformes de Perdighões com cronologia controlada⁷³, verifica-se que 43 exemplares, c. 21,9 % pertencem ao Neolítico Final, com eventual prolongamento pelo início do Calcolítico, 135 efectivos (c. 68,9 %) são atribuíveis ao pleno Calcolítico e 18 exemplares (9,2 %) pertencem ao Calcolítico Final. O volume dos artefactos simbólicos calcolíticos seria ainda mais expressivo se considerássemos também as pequenas esculturas zoomórficas em marfim e terracota. Uma verdadeira parafernália de objectos de elevada portabilidade (Fig. 16. 17. 18) só aparentemente sem utilidade parece ter desempenhado importante papel comunicacional, analisando a sua distribuição pan-ibérica. Esses artefactos simbólicos podem ter garantido o funcionamento das redes de intercâmbio de bens de prestígio necessários à afirmação das elites, apesar do ambiente de genérica conflitualidade inter-grupal, patente nas ›cinturas defensivas‹ dos territórios politicamente organizados, como observado nos limites do território de La Pijotilla. Os idoliformes calcolíticos ibéricos poderiam também servir uma estratégia de manutenção de solidariedades e de bloqueamento da via para a estratificação social, obliterando excedentes através de um sistema simbólico complexo e dispendioso, de base comunitária. Esta função dos ídolos portáteis seria completamente compatível com uma organização social transigualitária resiliente contra a emergência da sociedade classista. Na mesma lógica, insere-se a interpretação de Robert Risch⁷⁴.

24 A variedade de formas e materiais (calcário, mármore, osso, marfim, terracota) utilizados na manufactura desses objectos integrantes do sistema simbólico calcolítico têm como denominador comum a representação do sol, que nos antropomorfos, mais ou menos esquemáticos, ocupa o lugar dos olhos, tenha como suporte ídolos-cilindro ou ídolos aplanados característicos do Sudoeste (tipo Pijotilla)⁷⁵ (Fig. 16. 17), ossos longos no Sudeste, ou objectos utilitários como placas de tear em cerâmica, sobretudo na Estrema-

68 Soares 2013a, fig. 249.

69 Hurtado Pérez 2008; Soares 2013a, fig. 42; cf também sobre esta temática, Nocete 1989.

70 Tavares da Silva – Soares 1985; Tavares da Silva – Soares 1987; Soares 1994.

71 Tavares da Silva – Soares 1986; Tavares da Silva – Soares 2006.

72 Jorge 1986; Monks 1997; Jorge 2003; Gonçalves et al. 2013; Soares 2013a, 93. 372 fig. 42. 250.

73 Valera 2021, 204 tabela I.

74 Risch et al. 2015, 59.

75 Concordamos com Vitor Hurtado (Hurtado Pérez 2010) quando defende que a variabilidade estilística destes idoliformes poderia exprimir diferentes identidades socioculturais. Com efeito, o mesmo genérico padrão gráfico sugere idênticas ideologia e linguagem nas quais haveria lugar para ›dialectos‹ marcadores de autonomias etno-sociológicas. Ver também Hurtado Pérez 1981.



Fig. 16: Idolos oculados de La Pijotilla, sobre placas de naturaleza calcárea.

dura portuguesa (Fig. 19)⁷⁶, e recipientes cerâmicos de distribuição pan-ibérica (de Los Millares a S. Lourenço-Chaves, passando por numerosos e muito distanciados sítios calcolíticos, como Buraco da Pala na Serra de Passos, Perdigões e Porto das Carretas no Guadiana, Monte da Tumba na bacia do Sado (Fig. 20), sítio da E.T.A.R. de Vila Nova de Milfontes na costa sudoeste, directamente sobre a linha de costa, ou em contextos sepulcrais como o tholos de Monte do Outeiro no interior do Baixo-Alentejo (Fig. 21) e a Anta Grande do Zambujeiro em Évora (Fig. 22).

25 Menires e cromeleques, que parecem ter atingido no Neolítico Final (último quartel do 4º milénio) a sua maior monumentalidade, tal como a arquitectura funerária, terão sofrido no Calcolítico »actualização« da linguagem gráfica, através de representações do todo poderoso astro solar, como se verificou no Menir 1 do Cerro das Pedras, em Loulé⁷⁷ ou no menir alto-alentejano da Abelhoa⁷⁸, que possui uma das composições mais expressivas da arte esquemática megalítica do sul de Portugal (Fig. 23), susceptível de sequenciação. Na parte inferior da área gravada, observam-se dois feixes de linhas serpentiformes verticalmente organizadas em direcção à terra, semelhantes às primeiras composições iconográficas neolíticas dos menires algarvios. Provavelmente no Neolítico Final, foi adicionada a figura de um báculo, entre os dois feixes de linhas ondulantes. Por fim, em evidente descontinuidade com estas gravuras, foi inscrito um sol radiado no topo do menir e em seu redor, feixes de linhas concêntricas (Fig. 23).

26 A actualização gráfica em conformidade com o culto solar calcolítico pode ser também observada em alguns ídolos-placa previamente gravados pela sociedade megalítica ocidental dos finais do Neolítico, com o acréscimo de olhos radiados ou, em momentos subsequentes, dos inícios do Calcolítico, com a integração de olhos solares no projecto decorativo inicial do objecto.

27 A adoração do sol encontra no santuário rupestre de Fratel explícitos documentos em representações esquemáticas de orantes, de sexo masculino (Fig. 24). Em uma das gravuras, o sol é desenhado pela armação de um veado que o orante, de braços erguidos, oferece à entidade cultuada⁷⁹.

5 Sexo, género e poder no 3º milénio BC

28 A sexualização das representações antropomórficas⁸⁰ encontra-se frequentemente ausente, ou porque era óbvia e subentendida ou porque não era relevante como para nós, educados em sociedades patriarcais de género binário, que tendemos a atribuir ao género masculino as imagens de sexo indeterminado quando acompanhadas de símbolos de comando, e a desenvolver uma cosmovisão igualmente binária, na qual

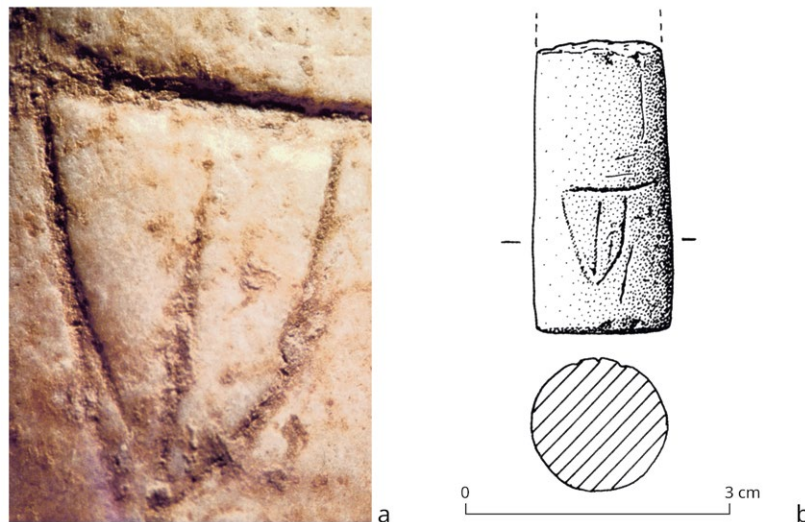


Fig. 17: Ídolo-cilindro de Leceia com representação sexual feminina, de calcário, fragmentado na extremidade superior.

76 Escacena Carrasco – Flores Delgado 2022.

77 Gomes 1997a; Gomes 2007.

78 Gonçalves 1972.

79 Ver a propósito, a representação do cervo como barca solar em Escacena Carrasco – Flores Delgado 2022.

80 Cf. Talalay 2000.

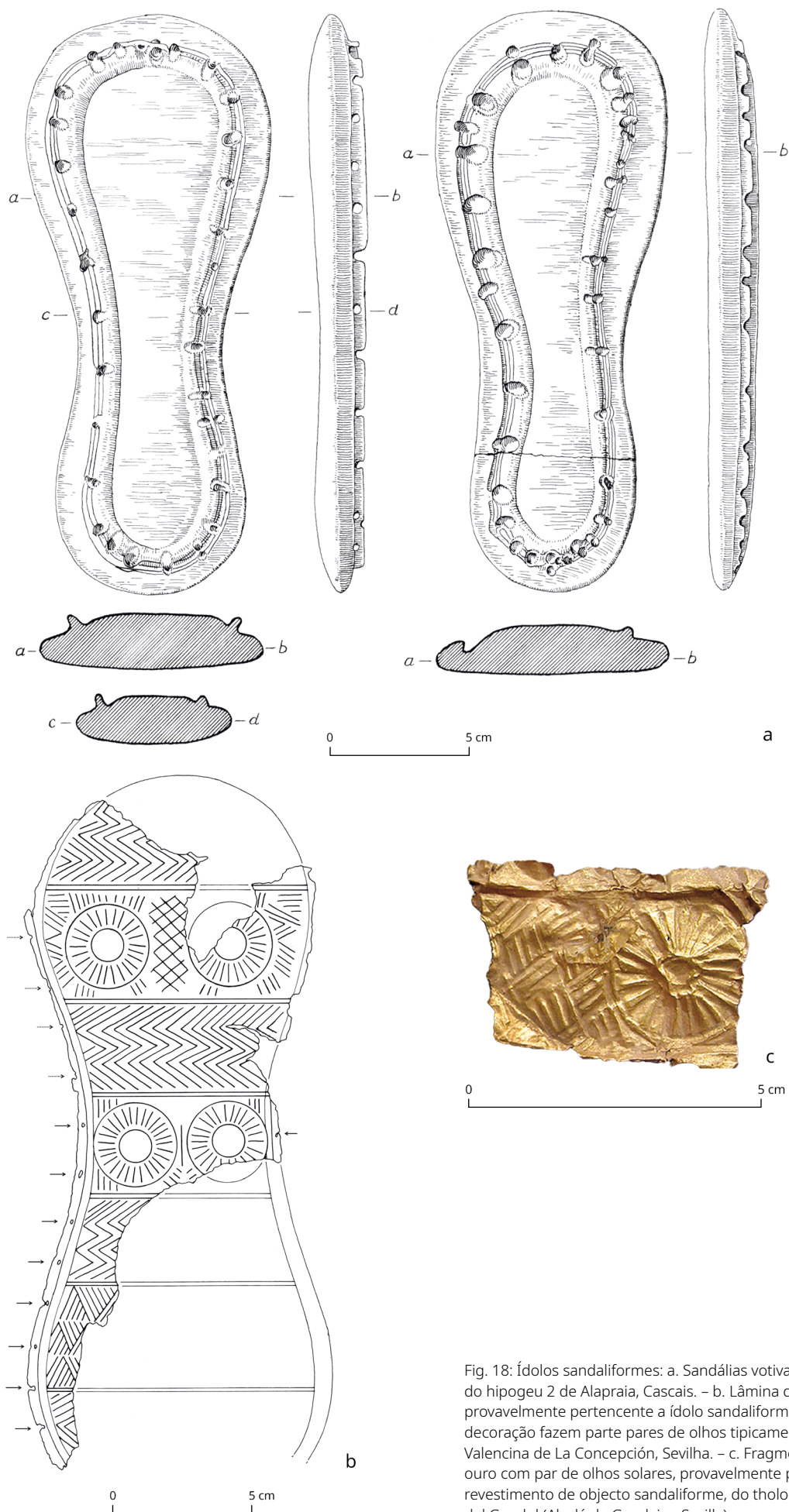
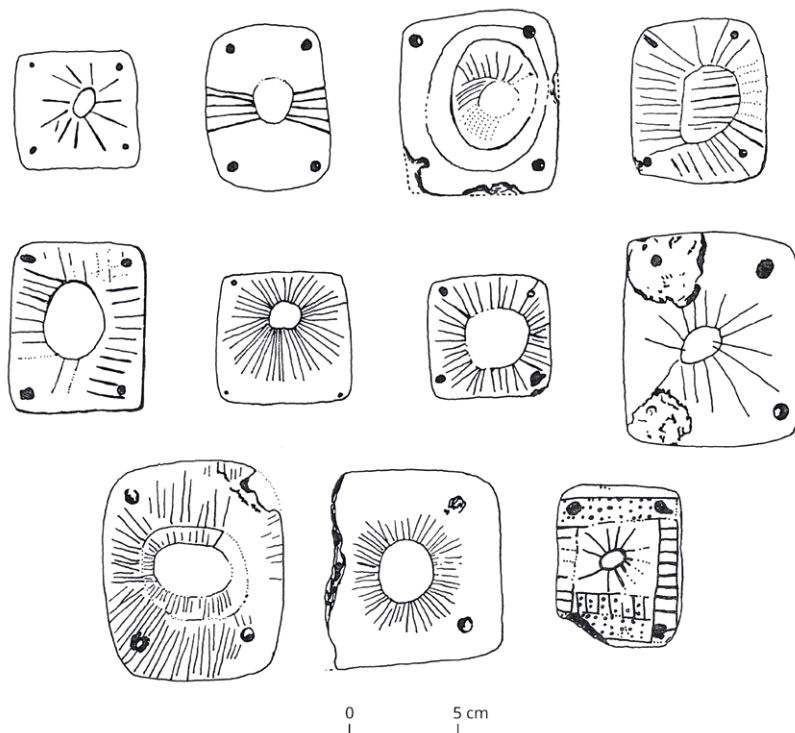
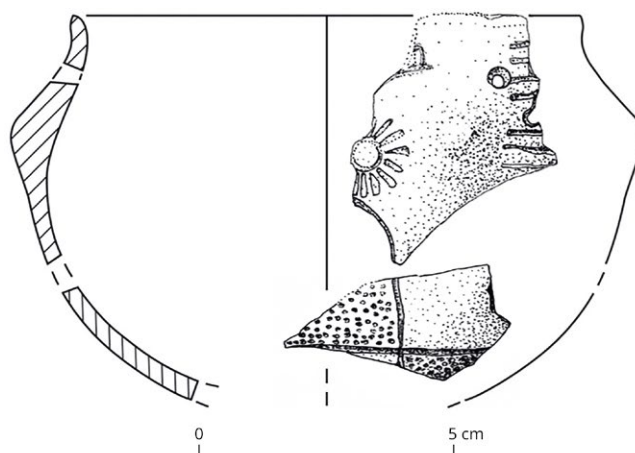


Fig. 18: Ídolos sandaliformes: a. Sandálias votivas de calcário do hipogeu 2 de Alapraia, Cascais. – b. Lâmina de ouro provavelmente pertencente a ídolo sandaliforme (?), de cuja decoração fazem parte pares de olhos tipicamente calcolíticos. Valencina de La Concepción, Sevilha. – c. Fragmento de lâmina de ouro com par de olhos solares, provavelmente pertencente ao revestimento de objecto sandaliforme, do tholos de Las Canteras del Gandul (Alcalá de Guadaira, Sevilla).



19

Fig. 19: Vila Nova de S. Pedro. Placas de tear decoradas por motivos solares.



20

Fig. 20: Monte da Tumba (Torrão). Vaso de paredes finas, pasta muito depurada e polimento metálico em ambas as superfícies, de cor negra. Decoração simbólica, com preenchimento de pasta branca, constituída por soliformes e pontuações enquadradas em triângulos. Torre 63/92. C.2. Fase II. Meados do 3º milénio cal BC.

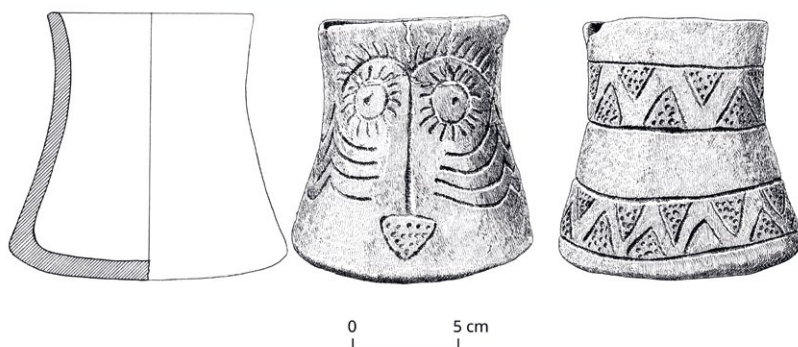


Fig. 21: Tholos de Monte do Outeiro, Aljustrel (Beja). Recipiente cerâmico com decoração simbólica. Dimensões: altura 120 mm; diâmetro da boca 90 mm; diâmetro na base 120 mm.

21

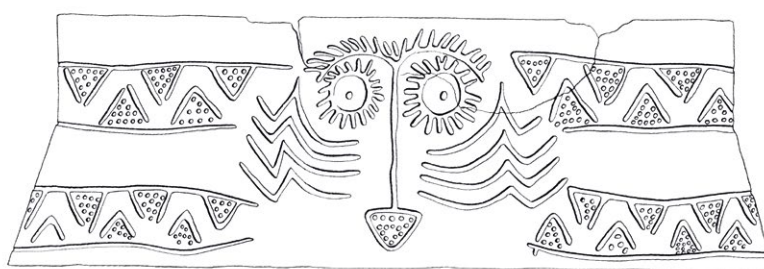
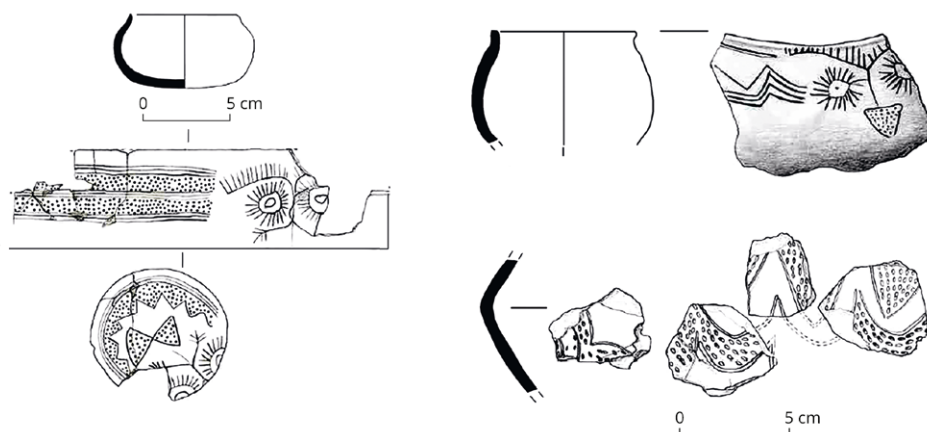


Fig. 22: Anta Grande do Zambujeiro, Évora. Cerâmica com decoração simbólica.

22



o sol representa o princípio masculino e a lua, o feminino. Com efeito, muitos indícios apontam para uma idiossincrasia calcolítica tendencialmente de género não-binário, no sentido em que ambos os sexos poderiam assumir idênticas funções produtivas e representativas nas esferas privada e pública. Atender, por exemplo, ao pequeno ídolo-cilindro de Leceia (Fig. 17) que não obstante sugerir morfologia fálica possui represen-

tação sexual feminina⁸¹, ao vaso de Monte do Outeiro⁸² e aos recipientes da Anta Grande do Zambujeiro⁸³, com representação do triângulo púbico feminino associado a elementos caracterizadores dos idoliformes do culto solar. O ídolo de marfim de El Malagón é particularmente ambíguo, com representação do sexo masculino em corpo esculturalmente feminino⁸⁴. O ídolo de Almargem, Málaga (menos portátil que os anteriores, nos seus 48 cm de altura y 22,2 kg), reúne caracteres de ambos os sexos: um corpo feminino grávido ou um falo quando na posição inversa⁸⁵.

29 Os ídolos-placa do Neolítico Final, aparentemente representações de divindade feminina, prosseguem, por vezes com olhos solares, durante o Calcolítico Inicial. Em contrapartida, os orantes do culto solar do santuário rupestre de Fratel (Tejo) são explicitamente de sexo masculino (Fig. 24).

30 Teríamos então durante o Calcolítico a prevalência da mulher nas funções mais qualificadas de carácter religioso e político?

31 Tenha-se presente a recente atribuição ao sexo feminino do indivíduo tumulado no tholos 10.049 de Valencina de la Concepción, a partir de análise de peptídeos de amelogenina do esmalte dentário, e datado no intervalo de 2900 a 2650 cal BC⁸⁶, que de acordo com o acervo funerário, o mais rico de Valencina de la Concepción, constituído por bens de prestígio e punhais era ›colado‹ ao sexo masculino, pela arqueologia tradicional. Pelo contrário, este túmulo pertenceu a uma mulher, ›The Ivory Lady‹, cujo ritual funerário incluiu extraordinário espólio de marfim, nomeadamente a presa completa de elefante africano, com 1,8 kg, prato com resíduos de vinho e cânabis, precioso punhal de sílex com encabamento de âmbar e o já célebre punhal de cristal de rocha com encabamento em marfim, decorado por fileira de 90 contas discóides de madrepérola, entre outras oferendas. Objectivamente, esta realidade arqueológica remete-nos para uma liderança feminina no topo da hierarquia social do maior complexo calcolítico do Sudoeste ibérico, com c. 450 ha⁸⁷. Estes dados complementam-se com a informação atrás referida, proveniente do tholos de Montelírio⁸⁸, onde uma possível comunidade feminina de sacerdotisas foi tumulada com ricas vestes tecidas com inclusão de milhares de contas sobre conchas marinhas, materiais exóticos como marfim e âmbar, e aplicação de cinábrio, apontando no sentido da atribuição de estatuto social relevante ao sexo feminino na sociedade calcolítica do Sudoeste peninsular. Por outro lado, o papel central detido pelo espaço funerário no complexo arqueológico de Valencina de la Concepción⁸⁹ parece ser compatível com uma organização social segmentária ou tribal (complexa) onde o culto dos antepassados seria ainda relevante. Em consonância com este modelo de organização social, as sepulturas de não-adultos de Valencina de la Concepción eram desprovidas de oferendas funerárias⁹⁰.



23

Fig. 23: Gravuras do Menir da Abelhõa (Reguengos de Monsaraz). Para uma leitura diacrónica: na parte inferior da composição, dois feixes paralelos de linhas ondulantes, organizados longitudinalmente (ancestrais serpentiformes neolíticos); em um dos meandros da composição, figuração de báculo provavelmente acrescentada no Neolítico final. À última fase de gravação, supostamente calcolítica, atribuímos o soliforme do topo do menir e os conjuntos de linhas ondulantes, polarizados pelo sol, em clara descontinuidade com a base da composição.

81 Cardoso 2009, fig. 22.

82 Leisner 1965.

83 Rocha 2015.

84 Altamirano García 2014.

85 Villaseca Díaz 1994, 37.

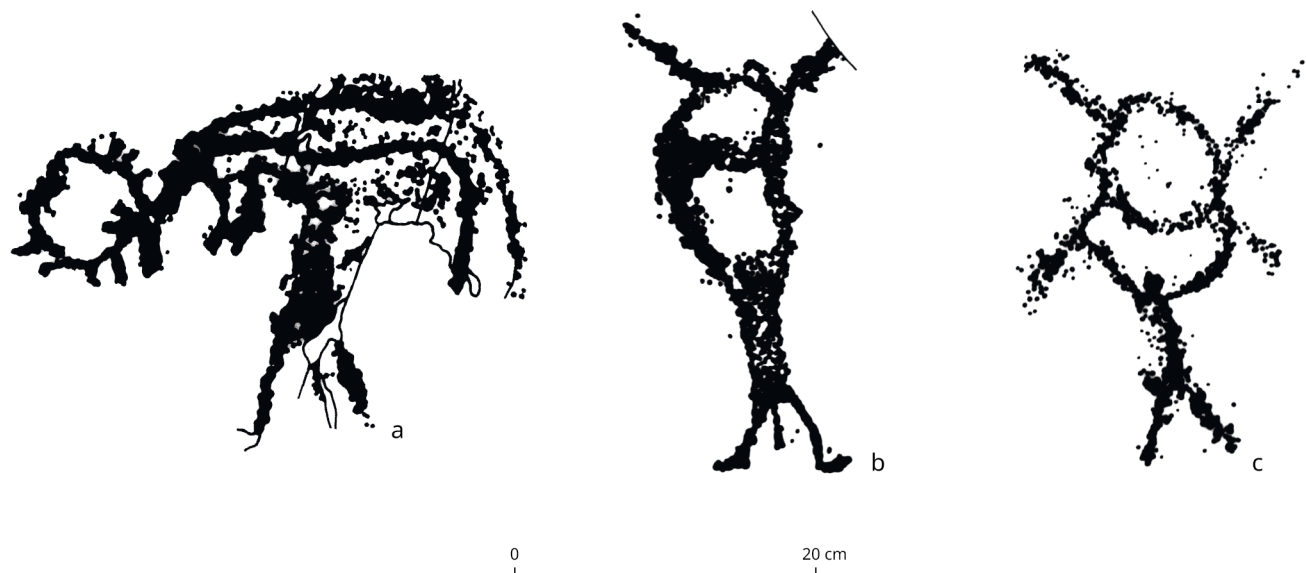
86 Cintas-Peña et al. 2023.

87 García Sanjuán et al. 2018.

88 García Sanjuán et al. 2017.

89 Escacena Carrasco et al. 2018.

90 Cintas-Peña et al. 2018.



24

Fig. 24: Arte rupestre do Vale do Tejo. Representações de orantes (sexo masculino) do culto solar. a. Rocha 158 de S. Simão; b. Rocha 126 de Fratel; c. Rocha 12 de Ficalho (períodos III e IV).

32 O culto solar calcolítico, conjugado muito provavelmente no feminino, contou com raras materializações proporcionadas pela novíssima metalurgia do ouro, por agora apenas reconhecidas no Baixo Guadalquivir. A peça mais completa foi encontrada no silo 10.029 do Sector PP4 de Valencina de la Concepción e é constituída por lâmina de espessura micrométrica (20,5 cm × 9,8 cm × 0,004 cm e 10 g) de ouro quase puro (99 %), cuja forma se aproxima de um podomorfo esquemático. Possui anverso polido e revestiria suporte de madeira ou couro⁹¹; é decorada por pares de soliformes, bandas de linhas quebradas e de enxadrezados; completa a hierofania expressa no ídolo sandaliforme de osso de *Almizaraque*⁹² e no par de sandálias de calcário do hipogeu 2 de *Alapraia*, Cascais⁹³. Fragmentos de lâminas de ouro com decoração oculada, que poderiam ter integrado outros ídolos sandaliformes, provieram do tholos de Montelírio⁹⁴ e do tholos de Las Canteras da necrópole de *Gandul*⁹⁵. Estes ideoartefactos em ouro, ao serviço do culto solar comunitário, não se confundem com os artefactos sociotécnicos igualmente áureos, que a partir do Calcolítico Tardio/Bronze Antigo servirão os propósitos de engrandecimento e de heroicização das lideranças do Bronze Antigo, aparentemente de género masculino, em sua estratégia de apropriação de poder político.

6 Calcolítico Tardio/Bronze Antigo. Metalurgia do cobre e do ouro. Lideranças instáveis. Artefactos sociotécnicos

33 O colapso da sociedade calcolítica, rigidamente compartimentada, em resultado das contradições internas que bloquearam o desenvolvimento das forças produtivas, particularmente da fileira produtiva da metalurgia do cobre, a partir de meados do 3º milénio⁹⁶, desencadeou um movimento de fissão, de desagregação social, de crise demográfica, de ruptura ideológica com as pre-existências⁹⁷. A primazia do comunitário

91 Murillo Barroso et al. 2015.

92 Maicas Ramos 2007.

93 Jalhay – Paço 1941; Leisner 1965, lám. 6.

94 Murillo Barroso 2016.

95 Hurtado Pérez – Amores Carredano 1984.

96 Soares – Tavares da Silva 1998; Soares 2021.

97 Alguns autores têm valorizado neste processo de mudança socioeconómica as crises climáticas de secura

começa a dar lugar ao individual. Aparentemente, o poder é tomado por lideranças meritocratas e guerreiras, que se afirmam pela sua capacidade de controlar as actividades artesanais (à margem das normas tradicionais de regulação da agro-pastorícia), de participar em alianças e redes de trocas de longa-distância, bem expressas no registo arqueológico pela cerâmica campaniforme, pela intensificação, mas também concentração do consumo de bens de prestígio e de armas, manufacturados em marfim,⁹⁸ âmbar⁹⁹, em ouro e cobre¹⁰⁰.

34 Durante o Calcolítico Tardio (3º quartel do 3º milénio) surgem nas macroaldeias do Sul ibérico, nomeadamente em La Pijotilla e Perdigões, Valencina de la Concepción, Marroquies Bajos, pequenas figuras antropomórficas naturalistas muito estandardizadas, na sua maioria explicitamente de sexo masculino, em marfim ou osso, com a face coberta por máscara, cabelo longo e ondulado e braços dobrados na cintura, ostentando uma insígnia de poder e/ou religiosa. Estes idoliformes que parecem marcar a ascensão do individualismo e a personificação do poder, encerram o sistema simbólico comunitário das sociedades tribais complexas ou segmentárias calcolíticas. A comunicação e identificação social por via da divindade agregadora e ubíqua de olhos solares (cuja imagética foi aplicada a suportes tão variados como o cilindro de pedra carbonatada, a falange de equídeo ou cervo, a tábua óssea ou osso longo, o recipiente cerâmico, a placa de tear), extensivamente apropriada pelas comunidades à escala ibérica, dá lugar ao culto das chefaturas heroicizadas do Bronze Antigo (2250/2200–1900/1800 cal BC). O ouro, símbolo de exclusividade aristocrática e de poder, será de uso restrito para os chefes supremos, em geral, associado, como anteriormente referimos, a armas de cobre arsenical e ricas indumentárias adornadas com botões de marfim.

35 Os objectos que serviram a anterior ideologia tornam-se então obsoletos, podendo ser acumulados em depósitos votivos, por forma a saírem de circulação, sem profanação. É neste enquadramento teórico que interpretamos os depósitos caóticos de ídolos do sítio da Orden-Seminario em Huelva, por vezes misturados com restos faunísticos e cerâmicos, em antigos silos escavados na rocha (estruturas 3027 e 3370), que continham mais de duas dezenas de idoliformes calcolíticos: ídolos-cilindro oculados, ídolos-cilindro lisos, ídolos-tolva¹⁰¹.

36 O povoamento, a partir do 3º quartel do 3º milénio (Calcolítico Tardio), dispersa-se por aldeias abertas, enquanto as lideranças edificam estruturas defensivas e monumentalizadas sobre os destroços dos velhos recintos fortificados, como nos casos de Porto das Carretas e Monte da Tumba¹⁰², ambos no Alentejo, ou do Castro do Zambujal, na Estremadura¹⁰³. As elites do Calcolítico Tardio/Bronze Antigo constroem igualmente torres *ex-nihilo* em locais estratégicos, como Miguéns 3, na margem direita do médio Guadiana¹⁰⁴ ou Moita da Ladra, Vila Franca de Xira, na margem direita do paleo-estuário do Tejo. Neste último sítio, datado no intervalo de 2560 a 1820 cal BC, 2 σ ¹⁰⁵, a presença das referidas lideranças ou chefaturas¹⁰⁶ revela-se não só pela arquitectura e cronologia,

severa associadas ao evento 4.2 ka BP (Risch et al. 2015; Hinz et al. 2019). Embora devam ter exercido constrangimentos sociais, não as consideramos determinantes.

98 Schuhmacher et al. 2009; Schuhmacher 2012; Schuhmacher – Banerjee 2012; Schuhmacher 2017.

99 Martínez-Blanes et al. 2017.

100 Soares et al. 2014; Liesau et al. 2016; Valério et al. 2017; Valério et al. 2018.

101 Vera Rodríguez et al. 2010.

102 Soares 2021.

103 Kunst – Arnold 2011.

104 Calado 2006.

105 Cardoso – Caninas 2010.

106 O conceito de chefatura, em geral associado à escola antropológica funcionalista, é bastante aberto e ambíguo. Utilizamo-lo de forma hipotética, para sociedades pré-estatais, em processo de crescente hierarquização (Calcolítico Tardio e Bronze Antigo), mas onde não existem evidências de transmissão por herança de estatuto e poder. A perpetuação do poder por via hereditária, que na Península Ibérica se observa precocemente em El Argar, nomeadamente através de sepulturas de não-adultos dotadas de ricos espólios,



25

Fig. 25: Espólio da sepultura da Quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira), constituído por adaga de lingueta em cobre arsenical, duas argolas e duas espirais de ouro, um diadema de ouro com 602 mm de comprimento e 48 mm de largura, decorado por motivos geométricos repuxados e incisos.

mas também pela qualificada cultura material móvel, onde não faltam artefactos de cobre e ouro e vestígios da actividade metalúrgica.

³⁷ No espaço funerário observa-se também a ruptura com a organização social anterior, e a emergência de uma nova ordem sociopolítica, de escala pan-ibérica e mesmo europeia. O ritual é então individual, quer reutilizando sepulturas colectivas, como as necrópoles de hipogeus das penínsulas de Lisboa e Setúbal¹⁰⁷, quer fundando novos cemitérios de sepulturas individuais, como Humanejos, Madrid¹⁰⁸.

³⁸ Os artefactos ideotécnicos ficaram no Passado; o espectáculo fúnebre faz agora apelo aos objectos sociotécnicos. O cobre e o ouro, a que se junta também o marfim, constituem as matérias-primas vinculadas por excelência à representação das chefaturas/lideranças que controlam o poder político. Entre os artefactos de ouro, merecem destaque, pela sua relativa padronização, contas tubulares, espirais e diademas, mais raramente, brincos. No espólio das sepulturas ›principescas‹ do extremo final do ciclo calcolítico e Bronze Antigo, armas de cobre e diademas de ouro constituem presença obrigatória. Como exemplos, refiram-se as sepulturas de Fuente Olmedo, Valladolid¹⁰⁹ e da Quinta da Água Branca, em Vila Nova de Cerveira (Fig. 25)¹¹⁰.

que constituem um bom indicador do aparecimento da sociedade classista, não se aplica, em nosso entender, ao Calcolítico Tardio/Bronze Antigo do Sudoeste ibérico.

¹⁰⁷ Soares 2003; Sousa – Gonçalves 2019.

¹⁰⁸ Garrido-Pena et al. 2019.

¹⁰⁹ Delibes 1977.

¹¹⁰ Fortes 1906; Armbruster 2001, 205–233.

Agradecimentos

39 Artigo produzido no âmbito da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Contou com a colaboração de Paula Covas, Rosa Nunes, Susana Duarte e Teresa Rita Pereira do MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na preparação de algumas figuras que ilustram o texto e na formatação da bibliografia, de Bárbara Polyak, que se ocupou da tradução do resumo para inglês e de Carlos Tavares da Silva pelo sempre profícuo debate de ideias. Por fim, agradeço também aos revisores anónimos que permitiram a clarificação de alguns aspectos teóricos e a colaboração de Carlos Comas na revisão e reordenamento da ilustração, contribuindo para a valorização do artigo.

Bibliografía

- Albuquerque e Castro et al. 1957** L. Albuquerque e Castro – O. da Veiga Ferreira – A. Viana, O Dólmen Pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 38, 1957, 325–346
- Alfaro Giner 1984** C. Alfaro Giner, Tejido y cestería en la Península Ibérica. Historia de su técnica e industrias desde la Prehistoria hasta la Romanización, *Bibliotheca Praehistorica Hispana* 21 (Madrid 1984)
- Altamirano García 2014** M. Altamirano García, Not Only Bones. Hard Animal Tissues as a Source of Raw Material in 3rd Millennium BC. South-eastern Iberia, Menga. *Revista de Prehistoria de Andalucía* 5, 2014, 43–67
- Anati – Fradkin 2016** E. Anati – A. Fradkin, Decoding Prehistoric Art. The Messages Behind the Images, en: E. Anati (ed.), *Intellectual and Spiritual Expression of Non-Literate Peoples. Proceedings of the XVII UISPP World Congress, 1–7 September, Burgos, Spain 1/ SessãoA20* (Oxford 2016) 1–21
- Appadurai 1986** A. Appadurai, Introduction. Commodities and the Politics of Value, en: A. Appadurai (ed.), *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective* (Cambridge 1986) 3–63
- Armbruster 2001** B. R. Armbruster, Prähistorisches Gold auf der Iberischen Halbinsel. Goldschmiedekunst der Atlantischen Bronzezeit, en: M. Blech – M. Koch – M. Kunst (eds.), *Hispania Antigua. Denkmäler der Frühzeit* (Mainz 2001) 205–233
- Ayala Juan 1987** M. M. Ayala Juan, Enterramientos calcolíticos de la Sierra de la Tercia (Lorca, Murcia). Estudio preliminar, *AnMurcia* 3, 1987, 9–24
- Ayala Juan et al. 1995** M. M. Ayala Juan – S. Jiménez Lorente – L. Gris Martínez, Asentamientos permanentes de agricultores y ganaderos del Sureste Peninsular. El cerro de las Viñas y el Chorrillo Bajo, dos poblados neolíticos de Lorca, Murcia, Verdolay. *Revista del Museo de Murcia* 7, 1995, 41–57
- Binford 1962** L. R. Binford, Archaeology as Anthropology, *American Antiquity* 28, 2, 1962, 217–225
- Boaventura 2011** R. Boaventura, Chronology of Megalithism in South-central Portugal, Menga. *Revista de Prehistoria de Andalucía Extra* 1, 2011, 159–192
- Brumfiel – Earle 1987** E. M. Brumfiel – T. K. Earle, Specialization, Exchange, and Complex Societies. An Introduction, en: E. M. Brumfiel – T. K. Earle (eds.), *Specialization, Exchange and Complex Societies* (Cambridge 1987) 1–9
- Bueno Ramirez 2002** P. Bueno Ramirez, El espacio de la muerte de los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. Las arquitecturas megalíticas, en: J. J. Jiménez Ávila – J. J. Enríquez Navascués (eds.), *El Megalitismo en Extremadura. Homenaje a Elías Diéguez Luengo*, *Extremadura Arqueológica* 8 (Mérida 2002) 35–80
- Bueno Ramirez 2010** P. Bueno Ramirez, Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental. Las placas decoradas, en: C. Cacho – R. Maicas – E. Galán – J. A. Martos (eds.), *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas* (Madrid 2010) 39–77
- Bueno Ramirez 2020** P. Bueno Ramirez, Placas decoradas en la península ibérica. Imágenes humanas entre la vida y la muerte, en: P. Bueno Ramirez – J. A. Soler Díaz (eds.), *Ídolos. Miradas Milenarias* (Alicante 2020) 203–216
- Bueno Ramirez – Balbín Behrmann 1997** P. Bueno Ramirez – R. de Balbín Behrmann, Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de la Granja de Toniñuelo (Badajoz), *Brigantium* 10, 1997, 91–121
- Bueno Ramirez et al. 2016** P. Bueno Ramirez – R. de Balbín Behrmann – R. Barroso-Bermejo, Graphic Holocene Expressions on the Atlantic European Façade. Portugal, in: J. Soares (ed.), *Social Complexity in a Long Term Perspective*, *Setúbal Arqueológica* 16, 2016, 41–64
- Calado 2006** M. Calado, Alentejo, Territórios da Pré-história em Portugal 8 = *Arkeos* 18 (Tomar 2006)
- Carbonell Trillo-Figueroa 1925** A. Carbonell Trillo-Figueroa, Los hallazgos prehistóricos de Jabugo, *BCord* 4, 11, 1925, 57–65
- Cardoso 1992** J. L. Cardoso, A Lapa do Bugio, *Setúbal Arqueológica* 9–10, 1992, 89–225
- Cardoso 1994** J. L. Cardoso, Leceia, 1983–1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, núm. especial (Oeiras 1994)
- Cardoso 2009** J. L. Cardoso, Estatuetas do Neolítico final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado, *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17, 2009, 73–96
- Cardoso 2021** J. L. Cardoso, Os «báculos» das sociedades agropastoris do Sul do território português (último quartel do 4º milénio/início do 3º milénio a. C.), en: P. Bueno Ramirez – J. Soler Díaz (eds.), *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal* (Lisboa 2021) 171–199
- Cardoso – Caninas 2010** J. L. Cardoso – J. C. Caninas, Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado, en: V. S. Gonçalves – A. C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal. O 4º e o 3º milénios a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional, Cascais, 4–7 Outubro 2005*, *Cascais tempos antigos* 2 (Cascais 2010) 65–95
- Cardoso et al. 2001–2002** J. L. Cardoso – A. Gonzalez – G. Cardoso, Um notável ídolo de calcário do dólmen de Casainhos (Loures), *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 10, 2001–2002, 375–385
- Cassen 2012** S. Cassen, La crosse, point d'interrogation? Poursuite de l'analyse d'un signe néolithique, notamment à Locmariaquer (Morbihan), *L'Anthropologie* 116, 2012, 171–216
- Castro-Martínez – Escoriza-Mateu 2011** P. V. Castro-Martínez – T. Escoriza-Mateu, Mujeres, hombres, figuras y redes sociales. El sudeste ibérico c. 3700–2100 cal a.n.e., en: *Memorial Luis Siret. I congreso de*

Prehistoria de Andalucía. La tutela del patrimonio prehistórico (Sevilla 2011) 591–594

Cintas-Peña et al. 2018 M. Cintas-Peña – L. García Sanjuán – M. Díaz-Zorita Bonilla – A. M. Herrero Corral – S. Robles Carrasco, The Non-adult Population of the Copper Age Settlement of Valencina de la Concepción (Seville, Spain). A Demographic, Contextual and Sociological Approach, *TrabPrehist* 75, 1, 2018, 85–103

Cintas-Peña et al. 2023 M. Cintas-Peña – M. Lucía-ñez-Triviño – R. Montero Artús – A. Andrea Bileck – P. Bortel – F. Kanz – K. Rebay-Salisbury – L. García Sanjuán, Amelogenin Peptide Analyses Reveal Female Leadership in Copper Age Iberia (c. 2900–2650 BC), *Scientific Reports* 13, 1, 2023 <<https://doi.org/10.1038/s41598-023-36368-x>> (02.06.2024)

Cruz 1995a D. Cruz, Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos* 3, 1995, 81–119

Cruz 1995b D. Cruz, Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico Final, *Estudos Pré-Históricos* 3, 1995, 263 s.

D'Altroy – Earle 1985 T. D'Altroy – T. K. Earle, Staple Finance, Wealth Finance, and Storage in the Inka Political Economy, *Current Anthropology* 26, 1985, 187–206

Delibes 1977 G. Delibes, El Vaso Campaniforme en la Meseta Norte española, *Studia Archaeologica* 46, 1977

Díaz-Guardamino Uribe et al. 2016 M. Díaz-Guardamino Uribe – D. W. Wheatley – E. F. Williams – J. A. Garrido Cordero, Los textiles elaborados con cuentas perforadas de Montelirio, en: A. Fernández Flores – L. García Sanjuán – M. Díaz-Zorita Bonilla (eds.), *Montelirio. Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre* (Seville 2016) 345–364

Escacena Carrasco – Flores Delgado 2022 J. L. Escacena Carrasco – M. Flores Delgado, Sobre el Calcolítico Ibérico. El ciervo como barca celeste, *Zephyrus* 90, 2022, 43–68

Escacena Carrasco et al. 2018 J. L. Escacena Carrasco – I. Rondán Sevilla – M. Flores Delgado, El gran cementerio. Hacia una nueva interpretación de la Valencina calcolítica, *CuPaUAM* 44, 2018, 11–34, <<http://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.001>> (02.06.2024)

Fortes 1906 J. Fortes, A sepultura da Quinta da Água Branca, *Portugália* 2, 1906, 241–252

García Rivero – O'Brian 2014 D. García Rivero – M. J. O'Brian, Phylogenetic Analysis Shows That Neolithic Slate Plaques from the Southwestern Iberian Peninsula Are Not Genealogical Recording Systems, *PLoS ONE* 9 2, 2014, e88296 <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0088296>> (02.06.2024)

García Sanjuán 2006 L. García Sanjuán, Funerary Ideology and Social Inequality in the Late Prehistory of the Iberian South-West (c. 3300–850 cal. BC), en: P. Díaz del Río – L. García Sanjuán (eds.), *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, *BARIntSer* 1525 (Oxford 2006) 149–169

García Sanjuán et al. 2017 L. García Sanjuán – Ch. Scarre – D. W. Wheatley, The Mega-site of Valencina de la Concepción (Seville, Spain). Debating Settlement Form, Monumentality and Aggregation in Southern Iberian Copper Age Societies, *Journal of World Prehistory* 30, 3, 2017, 239–257 <<https://doi.org/10.1007/s10963-017-9107-6>> (02.06.2024)

García Sanjuán et al. 2018 L. García Sanjuán – J. M. Vargas – L. M. Cáceres – M. E. Costa – M. Díaz-Guardamino – M. Díaz-Zorita – Á. Fernández – V. Hurtado – P. López – E. Méndez – A. Pajuelo – J. Rodríguez – D. Wheatley – C. Bronk – A. Delgado-Huertas – E. Dunbar – A. Mora – A. Bayliss – N. Beavan – D. Hamilton – A. Whittle, Assembling the Dead, Gathering the Living. Radiocarbon Dating and Bayesian Modelling for Copper Age Valencina de la Concepción (Seville, Spain), *Journal of World Prehistory* 31, 2018, 179–313 <<https://doi.org/10.1007/s10963-018-9114-2>> (02.06.2024)

Garrido-Pena 2006 R. Garrido-Pena, Transegalitarian Societies. An Ethnoarchaeological Model for the Analysis of Copper Age Bell Beaker Using Groups in Central Iberia, en: P. Díaz del Río – L. García Sanjuán (eds.), *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, *BARIntSer* 1525 (Oxford 2006) 81–96

Garrido-Pena et al. 2019 R. Garrido-Pena – R. Flores Fernández – A. Mercedes Herrero-Corral, Las sepulturas campaniformes de Humanejos (Parla, Madrid) (Madrid 2019)

Gell 1998 A. Gell, Art and Agency. An Anthropological Theory (Oxford 1998)

Godelier 1982 M. Godelier, The Ideal in the Real, en: R. Samuel – G. S. Jones (eds.), *Culture, Ideology and Politics* (Londres 1982) 12–38

Gomes 1997a M. V. Gomes, Megalitismo do barlavento algarvio. Breve síntese, *Setúbal Arqueológica* 11–12, 1997, 147–190

Gomes 1997b M. V. Gomes, Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática, *Brigantium* 10, 1997, 255–279

Gomes 2000 M. V. Gomes, Cromeleque do Xarez. A ordenação do caos, en: *Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz, Memórias D'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva* 2 (Beja 2000) 17–190

Gomes 2007 M. V. Gomes, Nés à l'extreme Sud-Ouest de l'Europe. Les menhirs de l'Algarve et l'avènement de l'idéologie mégalithique, en: *Les Expressions Intellectuelles et Spirituelles des Peuples sans Ecriture. Colloque UISPP-CISENP* (Capo di Ponte 2007) 147–157

Gomes 2010a M. V. Gomes, Time and Signs: Southern Portuguese Megalithic Art Diachrony, en: D. Calado – M. Baldia – M. Boulanger (eds.), *Monumental Questions. Prehistoric Megaliths, Mounds and Enclosures. Proceedings of the XV World Congress* 7 = *BARIntSer* 2122 (Oxford 2010) 17–24

Gomes 2010b M. V. Gomes, Arte rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico (Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa 2010)

- Gomes et al. 1983** R. V. Gomes – M. V. Gomes – M. F. Santos, O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), *Zephyrus* 36, 287–307
- Gomes et al. 1994** R. V. Gomes – M. V. Gomes – M. F. Santos, O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), en: *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1993, 2 (Lisboa 1994) 93–108
- Gonçalves 1993** J. L. Marques Gonçalves, Ídolos de cornos de Olelas y Serra das Éguas, *Al-Madan* (sér. II) 2, 1993, 38–40
- Gonçalves 1994** J. L. Marques Gonçalves, Ídolos de cornos e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), en: *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1993 (Lisboa 1994) 147–162
- Gonçalves 1972** J. Pires Gonçalves, Arte rupestre de Monsaraz, *Arquivos do Centro Cultural Português* 5, 1972, 489–502
- Gonçalves 2003** V. S. Gonçalves, STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), *Trab Arq* 32 (Lisboa 2003)
- Gonçalves 2004** V. S. Gonçalves, As deusas da noite. O projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora, *RPort A* 7, 2, 2004, 49–72
- Gonçalves 2021** V. S. Gonçalves, A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular (3200–2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal, en: P. Bueno Ramírez – J. A. Soler Díaz (coords.), *Ídolos. Olhares milenares. O estado da arte em Portugal* (Lisboa 2021) 149–168
- Gonçalves et al. 2013** V. S. Gonçalves – A. C. Sousa – C. Costeira, Walls, Gates and Towers. Fortified Settlements in the South and Centre of Portugal. Some Notes about Violence and Walls in the 3rd Millennium BCE, *CuadGranada* 23, 2013, 35–97
- Guyer – Belinga 1995** J. I. Guyer – S. M. E. Belinga, Wealth in People as Wealth in Knowledge. Accumulation and Composition in Equatorial Africa, *Journal of African History* 36, 1, 1995, 91–120
- Hinz et al. 2019** M. Hinz – J. Schirrmacher – J. Kneisel – C. Rinne – M. Weinelt, The Chalcolithic-Bronze Age Transition in Southern Iberia under the Influence of the 4.2 ka BP event? A Correlation of Climatological and Demographic Proxies, *Journal of Neolithic Archaeology* 21, 2019, 1–26; doi: <<https://doi.org/10.12766/jna.2019.1>> (03.06.2024)
- Hodder 1982** I. Hodder, *Symbols in Action. Ethnoarchaeological Studies of Material Culture* (Cambridge 1982)
- Hurtado Pérez 1979–1980** V. Hurtado Pérez, Los ídolos calcolíticos de La Pijotilla (Badajoz), *Zephyrus* 30–31, 1979–1980, 165–204
- Hurtado Pérez 1981** V. Hurtado Pérez, Las figuras humanas del yacimiento de La Pijotilla (Badajoz), *MM* 22, 1981, 78–88
- Hurtado Pérez 2008** V. Hurtado Pérez, Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana Calcolítico, *Era Arqueología* 8, 2008, 182–197
- Hurtado Pérez 2010** V. Hurtado Pérez, Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales, en: C. Cacho Quesada – R. Maicas Ramos – E. Galán Domingo – J. A. Martos Romero (coords.), *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas* (Madrid 2010) 137–198
- Hurtado Pérez – Amores Carredano 1984** V. Hurtado Pérez – F. Amores Carredano, El tholos de Las Canteras y los enterramientos del Bronce en la necrópolis de El Gandul (Alcalá de Guadaira, Sevilla), *CuadGranada* 9, 1984, 147–174
- Jalhay – Paço 1941** E. Jalhay – A. Paço, A gruta II da necrópole de Alapraia, *Anais da Academia Portuguesa da História* 4 (Lisboa 1941) 107–140
- Jorge 1986** S. O. Jorge, *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental). Bases para o conhecimento do III^o e princípios do II^o milénios AC no Norte de Portugal* (Dissertação de doutoramento da Universidade do Porto 1986)
- Jorge 2003** S. O. Jorge (ed.), *Recintos murados da Pré-História recente. Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas. Mesa-redonda Internacional Universidade do Porto 2003* (Porto – Coimbra 2003)
- Kunst – Arnold 2011** M. Kunst – F. Arnold, Sobre a reconstrução de estruturas defensivas do Calcolítico na Península Ibérica com base na Torre B de Zambujal (Torres Vedras, Lisboa), *O Arqueólogo Português* (sér. V) 1, 2011, 429–488
- Layton 1991** R. Layton, *The Anthropology of Art* ²(Cambridge 1991)
- Leisner 1965** V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen* 3, MF 1, 3 (Berlin 1965)
- Liesau et al. 2016** C. Liesau von Lettow-Vorbeck – E. Guerra Doce – G. Delibes de Castro – M. C. Blasco Bosqued – P. Ríos Mendoza, Copper Weapons, Gold and Ivory. Long-distance Exchanges and Emulation among the Atlantic Beaker Groups, *Musaica Archaeologica* 1, 2016, 11–20
- Lillios 2004** K. Lillios, *ESPRIT – the Engraved Stone Plaque Registry and Inquiry Tool* <<https://iberian.its.uiowa.edu/>> (07.06.2024)
- Lillios 2008** K. Lillios, *Heraldry for the Dead. Memory, Identity and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia* (Austin 2008)
- López Plaza 1975** M. S. López Plaza, Morillos y Objetos de Culto de la Edad del Bronce hallados en Muñogalindo (Ávila), en: *Crónica del XIII Congreso Arqueológico Nacional* (Zaragoza 1975) 499–506
- Lourenço 2003** F. Lourenço, *Homero. Odisseia* (Lisboa 2003)
- Maicas Ramos 2007** R. Maicas Ramos, *Industria Ósea y Funcionalidad. Neolítico y Calcolítico en la Cuenca de Vera* (Almería (Madrid 2007)
- Márquez Romero – Jiménez Jáimez 2010** J. E. Márquez-Romero – V. Jiménez-Jáimez, *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV–III milenios AC)* (Málaga 2010)

- Márquez Romero – Jiménez Jáimez 2013** J. E. Márquez-Romero – V. Jiménez-Jáimez, Monumental Ditched Enclosures in Southern Iberia (Fourth-Third Millennia Cal BC), *Antiquity* 87, 2013, 447–460
- Martínez-Blanes et al. 2017** J. M. Martínez-Blanes – M. Ángel Avilés – J. Daura – M. Sanz – J. A. Riquelme, Amber, Beads and Social Interaction in the Late Prehistory of the Iberian Peninsula. An Update, *Archaeological and Anthropological Sciences* 11, 2019 <<https://doi.org/10.1007/s12520-017-0549-7>> (03.06.2024)
- Martínez García 2002** J. Martínez García, Pintura rupestre esquemática. El panel, espacio social, *TrabPrehist* 59, 1, 2002, 65–87
- Martínez Perelló 1995** J. Martínez Perelló, Los abrigos pintados de Helechal. Un nuevo conjunto de arte rupestre esquemático en Badajoz, *Espacio, Tiempo y Forma* (sér. 1 Prehistoria y Arqueología) 8, 1995, 191–233
- Martínez Sánchez – García Benavente 2009** R. M. Martínez Sánchez – R. García Benavente, Una terracota figurada del IV milenio a.C. en la vega media del Guadalquivir, *TrabPrehist* 66, 1, 2009, 115–122
- Meillassoux 1978** C. Meillassoux, *Mujeres, Graneros y Capitales* (Madrid 1978)
- Monks 1997** S. J. Monks, Conflict and Competition in Spanish Prehistory. The Role of Warfare in Societal Development from the Late Fourth to Third Millennium BC, *JMedA* 10, 1997, 3–32
- Moreno-García 2013** M. Moreno-García, Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado calcolítico do Mercador (Mourão), en: A. C. Valera (coord.), *As sociedades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*, *Memórias d'Odiana (2ª série Estudos arqueológicos do Alqueva)* 6 (Évora 2013) 321–349
- Murillo Barroso 2016** M. Murillo Barroso, El oro del Tholos de Montelirio en el contexto de la tecnología áurea de Valencina, en: Á. Fernández Flores – L. García Sanjuán – M. Díaz-Zorita Bonilla (coord.), *Montelirio. Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre* (Seville 2016) 285–309
- Murillo Barroso et al. 2015** M. Murillo Barroso – M. E. Costa – M. Díaz-Guardamino – L. García Sanjuán – C. Mora, A Reappraisal of Iberian Copper Age Goldwork. Craftmanship, Symbolism and Art in a Non-funerary Gold Sheet from Valencina de la Concepción, *Cambridge Archaeological Journal* 25, 3, 2015, 565–596 <<https://doi.org/10.1017/S0959774314001127>> (03.06.2024)
- Nocete 1989** F. Nocete, El análisis de las relaciones centro/periferia en el Estado de la primera mitad del segundo milenio a.n.e. en las campiñas del Alto Guadalquivir. La frontera, *Arqueología Espacial* 13, 1989, 37–62
- Oliveira 2006** J. Oliveira, *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris* (Lisboa 2006)
- Paço – Arthur 1952** A. Paço – M. L. C. Arthur, Castro de Vila Nova de S. Pedro. 1–15ª campanha de escavações (1951), *Brotéria* 54, 3, 1952, 289–309
- Petrova 2015** V. Petrova, History of the Warp-weighted Loom from the Neolithic till the End of Antiquity (According to Archaeological Data from the Present-day Bulgarian Lands), *Studia Archaeologica Universitatis Serdicensis* 5, 2015, 115–218
- Risch 2018** R. Risch, Affluent Societies of Later Prehistory, en: H. Meller – D. Gronenborn – R. Risch (eds.), *Surplus without the State – Political Forms in Prehistory*. 10th Archaeological Conference of Central Germany October 19–21, 2017 in Halle (Saale), *Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 18 (Halle 2018)* 45–65
- Risch et al. 2015** R. Risch – V. Lull – R. Micó – C. Rihuete, Transition and Conflict at the End of the 3rd Millennium BC in South Iberia, en: H. Meller – H. Arz – R. Jung – R. Risch (eds.), *2200 BC – A Climatic Breakdown as a Cause for the Collapse of the Old World? Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 12 (Halle 2015)* 365–407
- Rocha 2015** L. Rocha, Anta Grande do Zambujeiro (Évora, Portugal). Contributo para o conhecimento das cerâmicas, en: G. Branco – L. Rocha – C. Duarte – J. Oliveira – P. Bueno-Ramírez (eds.), *Arqueologia de Transição. O mundo funerário. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição (29 de Abril a 1 de Maio 2013)* (Évora 2015) 42–51
- Rodrigues 2008** F. Rodrigues, O Recinto de fossos Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). Primeira Notícia, *Apontamentos de Arqueologia e Património* 2, 2008, 49–56
- Schuhmacher 2012** T. X. Schuhmacher, El marfil en España desde el Calcolítico al Bronce Antiguo, en: A. Banerjee – J. A. López Padilla – T. X. Schuhmacher (eds.), *Elfenbeinstudien 1. Marfiles y elefantes en la península Ibérica y el Mediterráneo Occidental*, *IA* 16, 1 (Maguncia 2012) 45–68
- Schuhmacher 2017** T. X. Schuhmacher, Ivory Exchange Networks in the Chalcolithic of the Western Mediterranean, en: M. Bartelheim – P. Bueno Ramírez – M. Kunst (eds.), *Key Resources and Sociocultural Developments in the Iberian Chalcolithic*, *RessourcenKulturen* 6 (Tubinga 2017) 291–312
- Schuhmacher – Banerjee 2012** T. X. Schuhmacher – A. Banerjee, Procedencia e intercambio de marfil en el Calcolítico de la Península Ibérica, en: M. Borrell – F. Borrell – J. Bosch – X. Clop – M. Molist (eds.), *Xarxes al Neolític. Circulació i intercanvi de matèries, productes i idees a la Mediterrània occidental (VII–III mil·lenni aC)*. Actes del Congrés Internacional, *Rubricatum. Revista del Museu de Gavà* 5, 2012, 289–298
- Schuhmacher et al. 2009** T. X. Schuhmacher – J. L. Cardoso – A. Banerjee, Sourcing African Ivory in Chalcolithic Portugal, *Antiquity* 83, 2009, 983–997
- Sherratt 1983–1984** A. G. Sherratt, The Secondary Exploitation of Animals in the Old World, *World Archaeology* 15, 1, 1983–1984, 90–104
- Soares 1994** J. Soares, L'habitat fortifié de Monte da Tumba et le Chalcolithique du Sud du Portugal, *Les Dossiers d'Archéologie* 198, 1994, 16–21
- Soares 2000** J. Soares, A Ponta da Passadeira e a diversidade do registo arqueológico dos IV/III milénios

A. C. Actas das 1^{as}. Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul (Barreiro 2000) 88–109

Soares 2001 J. Soares, O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira. Economia ribeirinha dos IV/III milénios A. C., en: *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Lisboa 2001) 101–127

Soares 2003 J. Soares, Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico (Setúbal 2003)

Soares 2008 J. Soares, Economias anfíbias na costa sudoeste ibérica. IV–III milénios BC. O caso da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo), en: M. S. Hernández Pérez – J. A. Soler Díaz – J. Antonio López Padilla (coords.), *IV Congreso del Neolítico Peninsular 2* (Alicante 2008) 356–364

Soares 2013a J. Soares, Transformações Sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O Povoado do Porto das Carretas, *Memórias d’Odiva* (2^a sér. Estudos arqueológicos do Alqueva) 5 (Setúbal 2013)

Soares 2013b J. Soares, Sal e conchas na Pré-história portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário de Tejo), en: J. Soares (ed.), *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*, Setúbal Arqueológica 14, 2013, 171–196

Soares 2014 J. Soares, Sepultura Megalítica de Corte de Baixo, S. Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém). Uma colecção à procura de contexto, *Musa. Arqueologia, Museus & Outros Patrimónios* 4, 2014, 63–74

Soares 2015 J. Soares, Vale Pínel I. O mais antigo Neolítico do território português, en: J. Soares – C. Tavares da Silva, *Atlas do Sudoeste Português. Património Cultural*, 2015 <<https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/170>>

Soares 2016 J. Soares, Social Complexity in the Third Millennium cal BC in Southern Portugal, en: J. Soares, (ed.), *Social Complexity in a Long-term Perspective*, Setúbal Arqueológica 16, 2016, 77–114

Soares 2017 J. Soares, Para uma leitura sociopolítica do Campaniforme do Guadiana. Longas viagens com curta estada no Porto das Carretas, en: V. S. Gonçalves (ed.), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença Campaniforme na Península Ibérica*, Estudos e memórias 10 (Lisboa 2017) 39–56

Soares 2020 J. Soares, Neolitização do Sudoeste Português. Preexistências e inovação, en: C. Tavares da Silva – J. Soares (coords.), *O sítio arqueológico da Gaspeia e a neolitização do território de Alvalade – Sado*, Setúbal Arqueológica 19, 2020, 299–324.

Soares 2021 J. Soares, Searching for the Turning Point to Bronze Age Societies in Southern Portugal. Topics for a Debate, en: S. Lopes – S. Gomes (eds.), *Between the 3rd and the 2nd Millennia BC. Exploring Cultural Diversity and Changes in Late Prehistoric Communities* (Oxford 2021) 82–104

Soares et al. 2014 A. M. Soares – L. C. Alves – J. C. Frade – P. Valério – M. F. Araújo – A. Candeias – R. J. C. Valera – A. C. Valera, Bell Beaker Gold Foils from Perdigões (Southern Portugal). Manufacture and Use, en: R. B. Scott – D. Braekmans – M. Carremans – P. Degryse

(eds.), *Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry*, Leuven, 28 May – 1 June 2012 (Leuven 2014) 120–124

Soares et al. 2016 J. Soares – N. Mazzucco – I. Clemente-Conte, The First Farming Communities in the Southwest European Coast. A Traceological Approach to the Lithic Assemblage of Vale Pínel I, *Journal of Anthropological Archaeology* 41, 2016, 246–262

Soares et al. 2018A M. Soares – M. I. M. Ribeiro – M. J. Oliveira – L. Baptista – L. Esteves – P. Valério, Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português. Identificação, análise e datação, *RPortA* 21, 2018, 71–82

Soares – Tavares da Silva 1998 J. Soares – C. Tavares da Silva, From the Collapse of the Chalcolithic Mode of Production to the Development of the Bronze Age Societies in the Southwest of Iberian Peninsula, en: S. O. Jorge (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* *TrabArq* 10 (Lisboa 1998) 231–245

Soares – Tavares da Silva 2010a J. Soares – C. Tavares da Silva, Campaniforme do Porto das Carretas (Médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência, en: V. S. Gonçalves – A. C. Sousa (eds.), *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal. O 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional, Cascais, 4–7 Outubro 2005, Cascais tempos antigos 2* (Cascais 2010) 225–261

Soares – Tavares da Silva 2010b J. Soares – C. Tavares da Silva, Anta Grande de Zambujeiro, arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985–87, *Musa. Arqueologia, Museus & Outros Patrimónios* 3, 2010, 83–129

Soares – Tavares da Silva 2013 J. Soares – C. Tavares da Silva, Economia agro-marítima na Pré-história do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta, en: J. Soares (ed.), *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de sal*, Setúbal Arqueológica 14, 2013, 145–170

Sousa – Gonçalves 2019 A. C. Sousa – V. S. Gonçalves, Presencia del campaniforme en las cuevas artificiales de las penínsulas de Lisboa y Setúbal, en: G. Delibes – E. Doce Guerra (eds.), *Un brindis por el príncipe! El vaso Campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500–2000 a. C.). Cat. de la exposición 1* (Madrid 2019) 179–206

Talalay 2000 L. Talalay, Archaeological Ms.conceptions. Contemplating Gender and Power in the Greek Neolithic, en: M. Donald – L. Hurcombe (eds.), *Representations of Gender from Prehistory to the Present* (Londres 2000) 3–16

Tavares da Silva 1997 C. Tavares da Silva, O Neolítico antigo e a origem do Megalitismo no Sul de Portugal, en: A. Rodríguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo, Cursos y congresos de la Universidad de Santiago de Compostela 101* (Santiago de Compostela 1997) 575–585

Tavares da Silva – Soares 1985 C. Tavares da Silva – J. Soares, Monte da Tumba (Torrão). Eine befestigte Siedlung der Kupferzeit im Baixo Alentejo (Portugal), *MM* 26, 1985, 1–21

- Tavares da Silva – Soares 1986** C. Tavares da Silva – J. Soares, Intervenção arqueológica na vila do Torrão. Ocupação calcolítica, en: Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana Setúbal, 1985, Trab Arq 3, 1986, 103–114
- Tavares da Silva – Soares 1987** C. Tavares da Silva – J. Soares, O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba I. Escavações arqueológicas de 1982–86 (resultados preliminares), Setúbal Arqueológica 8, 1987, 29–79
- Tavares da Silva – Soares 2006** C. Tavares da Silva – J. Soares, Setúbal e Alentejo litoral, Territórios da Pré-história em Portugal 7 =, Arkeos 19 (Tomar 2006)
- Tavares da Silva – Soares 2015** C. Tavares da Silva – J. Soares, Neolitização da Costa Sudoeste Portuguesa. A cronologia de Vale Pincel I, en: V. Gonçalves – M. Diniz – A. C. Sousa (eds.), 5º Congresso do Neolítico Peninsular, Estudos & Memórias 8 (Lisboa 2015) 645–659
- Tavares da Silva – Soares 2023** C. Tavares da Silva – J. Soares, Pipas (Reguengos de Monsaraz, Évora). Um sítio dos inícios do Neolítico médio do sul de Portugal, Ophiussa. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa 7, 2023, 61–93
- Tilley 1989** C. Tilley, Interpreting Material Culture, en: I. Hodder (ed.), The Meanings of Things. Material Culture and Symbolic Expression, One World Archaeology 6 (Londres 1989) 185–194
- Valera 2018** A. C. Valera, Os Perdigões neolíticos. Gé-nese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio AC), Era Arqueologia (Lisboa 2018)
- Valera 2019** A. C. Valera, Landscapes of complexity in Southern Portugal during the 4th and 3rd millennium BC, en: J. Müller – M. Hinz – M. Wunderlich (eds.), Megaliths – Societies – Landscapes. Early Monumentality and Social Differentiation in Neolithic Europe. Proceedings of the International Conference 3, Frühe Monumentalität und soziale Differenzierung 18 (Bonn 2019) 1039–1054
- Valera 2021** A. C. Valera, Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos. As produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), en: P. Bueno Ramírez – J. A. Soler Díaz, (eds.), Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal (Lisboa 2021) 201–212
- Valério et al. 2017** P. Valério – A. M. M. Soares – M. F. Araújo – A. F. Carvalho, AMicro-EDXRF Investigation of Chalcolithic Gold Ornaments from Portuguese Estremadura, X-Ray Spectrometry 46, 4, 2017, 252–258
- Valério et al. 2018** P. Valério – J. Soares – M. F. Araújo – L. C. Alves – C. Tavares da Silva, The Composition of the São Brás Copper Hoard in Relation to the Bell Beaker Metallurgy in the Southwestern Iberian Peninsula, Archaeometry 61, 2018, 392–405
- Veiga 1891** S. P. M. Estácio da Veiga, Antiguidades Monumentaes do Algarve 4 (Lisboa 1891)
- Vera Rodríguez et al. 2010** J. C. Vera Rodríguez – J. A. Linares Catela – M. J. Armenteros Lojo – D. González Batanero, Depósitos de ídolos en el poblado de la Orden-Seminario de Huelva. Espacios rituales en contexto habitacional, en: C. Cacho Quesada – R. Maicas Ramos – E. Galán – J. A. Martos (eds.), Ojos que Nunca se Cierran. Ídolos en las Primeras Sociedades Campesinas (Madrid 2010) 199–242
- Villaseca Díaz 1994** F. Villaseca Díaz, Aportación al estudio de la iconografía prehistórica. Los ídolos de Almargen y Antequera, Mainake. Estudios de Arqueología Malagueña 15–16, 1994, 37–44
- Wolf 1982** E. R. Wolf, Europe and the People without History (Berkeley 1982)

RESUMO

Sistema Simbólico e Economia na Pré-História Recente do Sudoeste Ibérico

A Linguagem dos Artefactos Ideotécnicos

Joaquina Soares

O presente estudo trata de uma abordagem diacrónica das evidências simbólicas e religiosas desde as primeiras comunidades agrícolas (6º milénio a.C.) até às sociedades do Calcolítico Tardio/princípio da Idade do Bronze (2ª metade do 3º milénio a.C.) do Sudoeste Ibérico. Revisitar a cultura material, sobretudo do sul de Portugal, numa perspectiva socioeconómica e de longa duração permite construir uma interpretação abrangente dos ideofactos, símbolos e arte como um sistema simbólico dialeticamente articulado com a estrutura económica das diferentes formações sociais consideradas. Assim, a nossa narrativa move-se entre as primeiras comunidades camponesas e o seu percurso para a consolidação de sociedades baseadas em relações de parentesco, apoiadas na ideologia megalítica, e o dealbar da Idade do Bronze Inicial, quando a sociedade tradicional baseada no parentesco dá lugar a uma sociedade instável, com poder centralizado e personalizado no último quartel do 3º milénio cal BC.

PALAVRAS-CHAVE

Pré-História Recente, Sudoeste da Península Ibérica, Sistema Simbólico, Artefactos Ideotécnicos

ZUSAMMENFASSUNG

Symbolisches System und Wirtschaft in der jüngeren Vorgeschichte Südwest-Iberiens

Die Sprache der ideotechnischen Artefakte

Joaquina Soares

Diese Studie verfolgt einen diachronen Ansatz für symbolische und religiöse Zeugnisse von den frühesten bäuerlichen Gemeinschaften (6. Jahrtausend v. Chr.) bis zu den spätchalkolithischen/frühbronzezeitlichen Gesellschaften (2. Hälfte des 3. Jahrtausends v. Chr.) im Südwesten Iberiens. Die Betrachtung der materiellen Kultur, insbesondere im Süden Portugals, aus einer sozioökonomischen und langfristigen Perspektive ermöglicht uns eine umfassende Interpretation von ideologischen Artefakten, Symbolen und Kunst als symbolisches System, das dialektisch mit der wirtschaftlichen Struktur der verschiedenen betrachteten sozialen Formationen verbunden ist. So bewegt sich unsere Erzählung zwischen den ersten bäuerlichen Gemeinschaften und ihrem Weg zur Konsolidierung von Gesellschaften, die auf verwandtschaftlichen Beziehungen beruhen und sich auf die megalithische Ideologie stützten, und dem Beginn der frühen Bronzezeit, als die traditionelle, auf Verwandtschaft beruhende Gesellschaft im letzten Viertel des 3. Jahrtausends v. Chr. von einer instabilen, auf den Kaskismus ausgerichteten Gesellschaft mit zentralisierter und personalisierter Macht abgelöst wurde.

SCHLÜSSELWÖRTER

Jüngere Vorgeschichte, Südwestliche Iberische Halbinsel, Symbolisches System, Ideotechnische Artefakte

CRÉDITOS DA FIGURAS

Página de entrada: Seg. Cardoso 1992, lám. 19-2; 46-5; 46-8

Fig. 1: Adaptado de Soares 2003, 207 quadro XXXVII

Fig. 2: Seg. Soares – Tavares da Silva 2015, figs. 11. 12

Fig. 3: Seg. Tavares da Silva – Soares 2023, 88 fig. 29

Fig. 4: a. Seg. Gomes 2010a, 18 fig. 3.1.A; b. seg. Albuquerque e Castro et al. 1957, lám. IX

Fig. 5: fotos arriba seg. Gomes 1997a, 159. 162 figs. 10. 14; dibujo seg. Varela Gomes 1982, 393 fig. 150

Fig. 6: a. seg. Gomes 1997b, 261 fig. 6^a; b. Seg. Gomes 1997b, 260 fig. 4A; c. seg Soares – Tavares da Silva 2013, 168 fig. 23

Fig. 7: a. Seg. Gomes et al. 1983, 296 fig. 5F; b. seg. Gomes et al. 1994, 108 fig. 11; c. seg. Gomes et al. 1994, 107 fig. 10 (detalhe)

Fig. 8: Seg. Soares 2013b, 185 fig. 11 (Foto); 188 fig. 15 (desenho)

Fig. 9: Fotos: Rosa Nunes

Fig. 10: Adaptado de Gonçalves 1994, 152 fig. 1

Fig. 11: Foto de Rosa Nunes

Fig. 12: a–c. seg. Cardoso 1992, lám. 19-2; 46-5; 46-8

Fig. 13: Foto de Rosa Nunes

Fig. 14: Adaptado de Bueno Ramirez 2020; Castro-Martínez – Escoriza-Mateu 2011; Varela Gomes 2010b; mapa: IAA Madrid, USGS, GEBCO (autor: D. Blaschta, modificaciones: C. Comas-Mata)

Fig. 15: Seg. Soares 2013a, 292. 343. 345 figs. 184–185; 216–217

Fig. 16: Seg. Hurtado Pérez 1979–1980, 177. 179. 180 figs. 4; 5 a. b; 7 a–d

Fig. 17: a. seg. Cardoso 1994, 130 fig. 133; b. seg. Cardoso 2009, 88 fig. 22

Fig. 18: 1. Seg. Leisner 1965, lám. 69; 2. Desenho esquemático, seg. Mercedes Murillo Barroso et al. 2015, 572 fig. 7; 3. Seg. Hurtado Pérez 2010, 169 lám. XVI

Fig. 19: Adaptado de Escacena Carrasco – Flores Delgado 2022, 63 fig. 21

Fig. 20: Desenho de Teresa Rita Pereira e foto de Rosa Nunes

Fig. 21: Imagem do Arquivo fotográfico do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid (D-DAI-MAD-PAT-DMF-687; J. Patterson) e desenho de Leisner 1965, lám. 128

Fig. 22: Adaptado de Rocha 2015, 44. 46. 49 figs. 6. 14. 15

Fig. 23: Seg. Gonçalves 1972

Fig. 24: Seg. Gomes 2010b, fig. p. 201

Fig. 25: Seg. Armbruster 2001, lám. 35 a

ENDEREÇO

Joaquina Soares
UNIARQ – Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras de Lisboa
Universidade de Lisboa
MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do
Distrito de Setúbal
Praceta Dr. Joaquim Ferreira de Sousa, nº5, 7ª
2900-194 Setúbal
Portugal
joaquinasoares1@gmail.com
Orcid-iD: <https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>
ResearcherID: cienciavita.pt/pt/9313-87b7-F1b4

METADATA

Titel/Title: Symbolisches System und Wirtschaft
in der jüngeren Vorgeschichte Südwest-Iberiens.
Die Sprache der ideotechnischen Artefakte/
*Symbolic System and Economy in the Late
Prehistory of the Iberian Southwest. The Language
of the Ideotechnic Artefacts*
Band/Issue: MM 65, 2024
Bitte zitieren Sie diesen Beitrag folgenderweise/
Please cite the article as follows: J. Soares, Sistema
Simbólico e Economia na Pré-História Recente do
Sudoeste Ibérico. A Linguagem dos Artefactos
Ideotécnicos, MM 65, 2024, § 1–39, <https://doi.org/10.34780/f834-k9dd>
Copyright: Alle Rechte vorbehalten/*All rights
reserved.*
Online veröffentlicht am/*Online published on:*
20.12.2024
DOI: <https://doi.org/10.34780/f834-k9dd>
Schlagwörter/Keywords: Jüngere Vorgeschichte,
Südwestliche Iberische Halbinsel, Symbolisches
System, Ideotechnische Artefakte/*Late Prehistory,
Southwest of the Iberian Peninsula, Symbolic
System, Ideotechnic artefacts*
Bibliographischer Datensatz/*Bibliographic
reference:* [https://zenon.dainst.org/
Record/003076307](https://zenon.dainst.org/Record/003076307)

